



A Partida

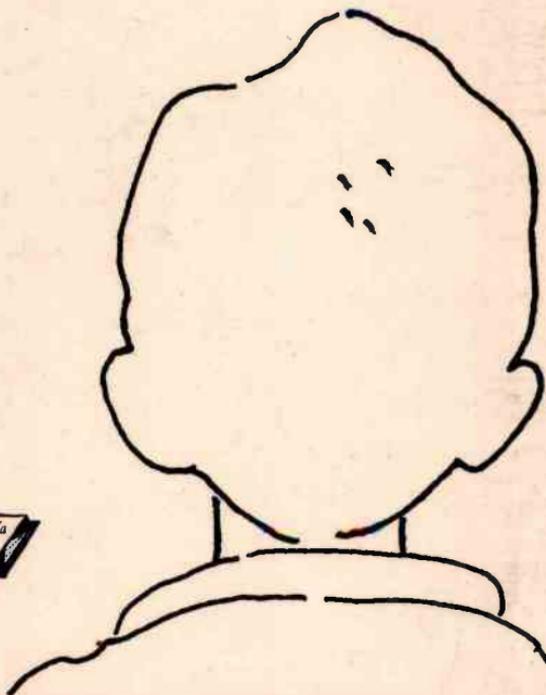
e

A Chegada

Caio

Porfírio

Carneiro





CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

nasceu em Fortaleza, Ceará, em 1º de julho de 1928. Bacharelado em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza. Mudou-se para São Paulo em 1955. Seus escritos já foram traduzidos para o espanhol, o italiano e o alemão. Colabora em vários suplementos literários. Secretário administrativo da União Brasileira de Escritores desde 1963.

Do Autor:

Trapiá — contos, 1961.

O Sal da Terra — romance, 1965.

Os Meninos e o Agreste — contos, 1969. Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras. Menção Honrosa no Prêmio Governador do Estado de São Paulo.

Uma Luz no Sertão — romance-reportagem, 1973.

O Casarão — contos, 1975. Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro. Menção Honrosa do Pen Clube de São Paulo.

Chuva — Os Dez Cavaleiros — contos, 1977.

O Contra-Espelho — contos, 1981.

10 Contos Escolhidos — 1983.

Viagem Sem Volta — contos, 1985.

Profissão: Esperança — literatura juvenil, 1985.

Quando o Sertão Virou Mar... — literatura juvenil, 1986.

Da Terra para o Mar, do Mar para a Terra — literatura juvenil, 1987.

Três Caminhos — novela, 1988.

Dias sem Sol — novela, 1988.

Rastro Impreciso — poesia, 1988.

Os Dedos e os Dados — contos, 1989.

Primeira Peregrinação — reminiscências, 1994.

“É um autor todo voltado para a realidade, sem ser fanático do realismo. A realidade é o seu ponto de partida, embora nem sempre de chegada. (...) Prefere a intimidade dos atalhos à planificação das estradas.”

Marcos Rey

“Marca a presença de um criador inteiramente senhor do seu ofício, dominando a narrativa com uma extraordinária economia de meios.”

Jorge Amado

“Caio Porfírio Carneiro é um impressionista. A sua imagem vem ao vivo, ganha relevo imediato, é quase tangível.”

Moreira Campos

“Oscilando entre ambientes, os contos de Caio Porfírio Carneiro testemunham um fino espírito de observação psicológica e uma sutil capacidade de condensação literária.”

Fábio Lucas

“O seu traço, de certa forma inesperado, é o elemento de supra-realidade e mistério, a presença de fenômenos mentais inexplicáveis, um realismo que não admite interpretações realistas.”

Wilson Martins

Para Natal,
N.º 10
Monica
e amigos
amigos

A PARTIDA E A CHEGADA

S. P. 12/95

Caio Porfírio Carneiro

A PARTIDA
E
A CHEGADA

— Contos e Narrativas —

Copyright © 1995, by Caio Porfírio Carneiro
Todos os direitos reservados.

Capa: João do Couto

Projeto Gráfico: Sérgio Valente

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carneiro, Caio Porfírio, 1928 —
A partida e a chegada : contos e narrativas /
Caio Porfírio Carneiro.
— São Paulo : Toda Prosa, 1995.

1. Contos brasileiros I. Título.

95—4246

CDD—869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Século 20 : Literatura brasileira.
869.935
2. Século 20 : Contos : Literatura brasileira.
869.935

Endereço do Autor:

R. Francisco Branco Capozzi, nº 50, Brooklin Novo
São Paulo, Capital
CEP 04566-050

Editora Toda Prosa Ltda.

R. Martim Peres, nº 371, Jardim da Saúde
São Paulo, Capital

CEP 04148-030 — Telefone: (011) 579-9538

Para

Francisco Carvalho
Raymundo Farias de Oliveira
Reginaldo Dutra
Roberto Fontes Gomes
Sérgio Valente

companheiros de fé e de ofício,

e para

J. B. Sayeg
Aluysio Mendonça Sampaio
Lourdes Calderaro

companheiros de fé, ofício e ajuda,
na caminhada deste livro, da partida
à chegada.

*“Em verdade, nisto há uma mensagem
para o sensato que escuta atento.”*

ALCORÃO — 50a. Surada. V. 37

*“(...) Nós agora vemos como por um
espelho, em enigma; mas então
veremos face a face (...)”*

CORÍNTIOS I, 13.

SUMÁRIO

| <i>Contos / Narrativas</i> | <i>Páginas</i> |
|----------------------------|----------------|
| A Partida | 19 |
| <i>A Carícia</i> | 21 |
| Últimas Esperanças | 29 |
| <i>Sarapanga</i> | 33 |
| <i>Zecapinto</i> | 38 |
| <i>Dueto</i> | 44 |
| Memórias de Agonias | 51 |
| <i>O Crime</i> | 55 |
| <i>A Retirante</i> | 58 |
| <i>O Acidente</i> | 64 |
| Carências | 69 |
| <i>Os Dois</i> | 73 |
| <i>A Vizinha</i> | 81 |
| <i>À Sombra da Árvore</i> | 86 |
| <i>Noite</i> | 90 |
| ... e a Chegada | 97 |
| <i>A Disputa</i> | 99 |

I

Guardou o cachimbo no bolso:

- Ele viveu um século.
- E aconteceu mesmo assim?
- Aconteceu.
- Que loucura de vida.
- Louca é a vida.
- É que nome estranho...
- Sarapanga.
- Esquisito.
- Verdade: Sarapanga.

Estirou-se na cadeira, deu um balanço, e viu que a lua bordejava a ponta de uma nuvem no céu estrelado:

- O outro, coitado, com as suas manias.
- De fato: criar pinto...
- A mania principal, como já disse.
- Inacreditável.
- Pois acredite.
- E quantos apelidos puseram no coitado...
- Mas ficou sendo Zecapinto.

A lua livrou-se da nuvem e lá continuou céu afora:

— O terceiro, como viu, não foi só ele. Foram ele e ela.

— Parece um dueto.

— Perfeito dueto.

— Não há alguma fantasia nisso tudo?

Tirou o cachimbo do bolso, voltou a enchê-lo de fumo, socando-o com o polegar. Acendeu-o e mandou para a lua grande baforada:

— A vida é fantástica. E na fantasia estão elas, as últimas esperanças.

— Quem?

— As esperanças. As últimas.

— Últimas o que mesmo?

— *Últimas esperanças.*

II

A lua alcançou o alto do céu. Ele balançou-se, brincou com o cachimbo:

— Coisa bárbara, meu amigo.

— Pobre padre.

— Tudo documentado. Crime bárbaro.

Bateu com o cabo do cachimbo nos dentes falhos:

— E a coitada, na seca cruel...

— E a criancinha também.

- Também. Tudo nos documentos.
- Tenho dó da criancinha.
- Que não sofreu. Coitada dela, a retirante, naquela seca inclemente.

Longa cachimbada, olhos firmes na lua, que seguia na sua caminhada.

- E o acidente? Coisa medonha.
- E em plena cidade...
- Em plena cidade, tal qual contei.
- Meu Deus.
- Tudo documentado e na lembrança dos antigos.
- Que histórias tristes...
- Memórias, meu amigo, memórias...
- Memórias?
- Isto mesmo. *Memórias de agonias.*

III

Acomodou-se na cadeira, cruzou as pernas, olhou a lua, bateu o cachimbo na palma da mão:

- Estudantes. Os dois. Como falei.
- Falou.
- Do mesmo colégio.
- Também falou.
- Essa moçada de hoje...

Pigarreou, pôs o cachimbo apagado na boca:

- Os outros dois também muito jovens. Ela mora-

va ao lado. Vizinha. Moça bonita.

– É...

Tirou o cachimbo da boca, rodou-o entre os dedos:

– O outro, um garoto sensível. E aquela árvore, aquela árvore...

– Pois é.

– E ela ali. À sombra da árvore.

Voltou ao sestro de bater o cachimbo na palma da mão, riu para si, para a lua:

– E aquele amalucado... E ela também uma cabeça-de-vento... E a noite... E o carro... É bom ser jovem... metidos na noite. Na noite. Noite.

– Conheceu todos eles?

– Não. Claro que não.

– E como soube?

– Soube, apenas.

Encheu o cachimbo, tirou uma baforada em direção à lua, ficou abstraído, observando-a. Suspirou:

– Os impulsos da juventude.

– Tivemos os nossos.

– Tivemos.

Outra baforada, a fumaça espiralando rumo ao céu:

– No fundo são carências.

– O quê?

– *Carências.*

IV

Limpou o cachimbo com o fino estilete, soprou na ponta do cabo para livrá-lo de partículas de fumo. Guardou-o novamente no bolso:

— A vida é assim.

— Confusa.

— Exatamente.

— Casos meio inverídicos.

— A vida é meio inverídica.

— O senhor acha?

— Claro. Quantas histórias lhe contei?

— Deixe-me ver: uma, duas... dez. Três, mais três e mais quatro.

— Mas o ponto de partida para esta noitada foi o assalto ao banco. É curioso: um simples toque rápido quanta vez muda toda uma situação, aproxima as pessoas.

— Verdade.

— Uma carícia. Como é importante a simples carícia, meu amigo.

— Um leve toque de mão.

— A carícia, meu amigo. A *carícia*.

— Então foram onze histórias.

— É. Foram onze.

V

Demorou olhando a lua na corrida ligeira contra as estrelas:

— Pois das dez que lhe contei ouvi resumo em prosa, ouvi resumo em poesia. De três pessoas distintas, dois poetas e um prosador. Três resumos verdadeiros. Não incluo *a carícia*, que assim chamo o assalto ao banco, e foi a partida para esta noitada. Porque história assim se repete todos os dias, não é verdade?

— Nestes tempos de hoje... Nem fale.

Ele suspirou, fez menção de tirar o cachimbo do bolso, mas desfez o gesto:

— A lua está descambando.

Bocejou:

— Pois vamos ao ponto de chegada. À chegada, que já vai ficando tarde.

Outro bocejo:

— Foi, meu amigo, uma grande disputa.

— Mais uma história.

— A última. Estou aborrecendo?

— Não, não.

— É a última.

— Onde foi?

— Em algum lugar.

— Então são doze histórias.

— Exato: doze.

— Noitada boa.

- Gostou?
 - Claro. E estou gostando.
 - Então vamos lá.
 - Mas disputa entre quem?
 - Verá, meu amigo, verá.
 - Conte.
 - Que disputa! Uma disputa nunca vista.
 - Disputa verdadeira? Houve morte?
 - Pior. Não foi apenas uma disputa. Foi *a disputa*.
 - Aconteceu mesmo?
 - Na vida tudo é verdade.
 - Será?
 - Creia.
 - E a mentira?
 - Uma forma de verdade.
- Bocejou pela terceira vez:
- Ouça.
- E contou.
- Depois espreguiçou-se e levantou-se:
- Não foi estranho?
 - Estranhíssimo.
 - Conversa longa, não?
 - Gostei muito.
 - Este luar ajudou.
 - Ajudou. Noitada boa. Do começo ao fim. Da partida à chegada.
 - Então boa noite.
 - Adeus.

A PARTIDA...

A CARÍCIA



le continuou a mascar o talo seco, mascado já pela metade. Cuspiu-o fora, numa chuva-rada de perdigotos. Passou a costa da mão nos lábios, livrá-los das sequelas da grama. Diabo. Se ele desse o cano, veria. Oportunidade como aquela nunca mais. Tudo acertado: duas horas em ponto. E ali, pontual, indo e vindo em torno do poste. E dando na vista. Lá do outro lado, pouca gente entrando e saindo. Sol de rachar, movimento rareado, e o peste não aparecia. Sacanagem. Eu aqui no sol, todo o mundo me vendo, e o desgraçado nem. Tudo perdido: dias e dias estudando a entrada e saída das pessoas, apenas um guarda, revólver na cintura, mais cortesia com os clientes que postura militar. E o miserável nem estou aí.

Deitou o olhar aflito no relógio e os olhos estufaram-se de espanto. Atraso já de cinco minutos. Apanhou outro talo seco do tufo junto ao poste e voltou a mascar, ranger mais de raiva que de dentes. Pego aquele sacana e aca... Não acabou porque ele lá vinha, meio despistado e meio apressado, assovio sem sopro, vista para o alto de quem não quer nada. Parou junto dele, olhar distraído lá

longe, ouviu a bronca, suado, defendeu-se, não foi fácil puxar o carro. Viesse mais cedo, porra. Cinco minutos. Para um treco desse é tempo pra burro, cara. Olharam-se, olharam o prédio em frente, cada um apertou o volume no cós: vamos. Ele voltou a cuspir o resto de talo, limpou a boca: você entra depois, um minuto.

Entrou no banco, dirigiu-se ao balcão e sem ver nada baixou a cabeça para os formulários de depósitos. O coração tuco-tuco. Suor em fiozinhos nas costelas. Os segundos não passavam. Mas passaram, a custo, e o outro entrou e postou-se perto dele, vasculhando os formulários. Vamos. O outro retornou à saída, mesmo assovio mais muxoxo, num bater de pestana desarmou o guarda e ele, junto à fleira de caixas, levantou a arma com as duas mãos:

— Vamos lá. Rápido. Tudo, tudo.

De imediato, paralisia geral. Depois, começo de pânico. Por fim, espanto e nervosismo. E ele coletando, caixa por caixa, sacolão aberto, sacado de dentro da blusa:

— Tudo, tudo. E rápido, rápido.

A mocinha, nervosa, mais espalhava que juntava o dinheiro das divisórias estreitas da caixa.

— Calma, meu bem. O dinheiro não é seu. Vamos.

O outro cochichou ao guarda:

— Atiro em você não nos olhos: aí entre as pernas. Fique calminho ou vira boneca.

Ele, sacola pesada, viu a moça bonita, blusa com distintivo do banco, próxima à pequena fila de clientes. Linda, meu Deus. Piscou-lhe o olho. E deu ordem final:

— Todo mundo no chão.

A velha gorda dificultava-se em descer o corpo

pesado. Ele ajudou-a, sacola pesada ao ombro, arma na mão:

— Eu disse no chão, minha tia.

O chão ficou acamado de corpos, como se metralhados. E os dois foram saindo. Antes, ele viu a bancária linda de morrer estirada ali perto. Não se conteve. Abaixou-se ligeiro e alisou-lhe as pernas:

— Linda.

O outro, voz nervosa, olho na rua:

— Vamos, cara.

Da porta ele soltou, áspero, o aviso:

— Só se levantem daqui a cinco minutos. Quem se mexer vai falar com Papai do Céu.

Andaram apressados na rua de pouco movimento, dobraram a esquina, a grande sacola um trambolho. Mas onde está o diabo do carro? Ali, naquele quarteirão. O combinado foi neste. Você pirou. E cadê espaço? Fica calmo. Vambora. Olhavam em frente, passadas largas, nenhum olhar aos que passavam. Alcançaram o carro, o outro na direção, ele ao lado, sacola jogada no banco de trás. Vai devagar, devagar. Cuidado. Quase bate na perua.

Dobram a esquina, sinal amarelo, depois a outra, pouca velocidade, respeito aos sinais. Chegaram à larga avenida. Mudaram as camisas. O outro pôs os óculos escuros, ele um chapeuzinho de pano. É isso aí, meu irmão. Manda. O carro aumentou de velocidade, perdeu-se no meio do trânsito, surgiu lá distante, um pingão de carro. Entraram numa rua esburacada, um que outro telhado. Pararam. O outro tirou os óculos, abriu a porta e saiu. Ele apanhou a sacola, cadê o carro? Vem, cara.

Meio escondido pela folhagem o outro carro, outra

cor. Entraram, sacola estofada atrás, o outro de óculos de aro, ele de boné. E novas camisas, da seqüência trazida no próprio corpo. O pé no acelerador ia descer fundo quando ele o deteve. O outro olhou-o. Ele abriu o longo e largo sorriso e começou a esmurrar as coxas: conseguimos, meu Deus do céu, conseguimos. Suspirou fundo, feliz: vai. E lá se foram, o outro cantarolava, ele tamborilava a porta. De repente ele se lembrou: Tu viu? O que, cara? As coxas dela, lá no banco. Um doce do céu, um tesão. E continuaram indo, cortando, deslizando no emaranhado de carros. O vento entrava livre, uma gostosura.

Largaram o carro na estrada estreita e entraram por outra mais estreita ainda. Matagal fechado. Quebra à esquerda, à direita, sobe, desce, lá no fundo o casebre. Dentro dele arriaram-se nas cadeiras desconjuntadas. Ele jogou a sacola na mesa, que balançou, tirou o boné, puxa, foi fácil, tiramos o doce das crianças. O outro apressava-se através dos dedos buliçosos: vamos, cara, quanto tem aí?

Abriam o zíper, amontoaram tudo com cuidado para não se derramar pelo chão, o latido veio de longe, pararam. Ele levantou-se, mão na arma, olhou entre as gretas, não é nada, é aquele cachorro meio louco. Sentaram-se, olhos famintos, os polegares direitos foram aos lábios, e começaram a contar e empilhar, os cheques a gente rasga e enterra, pra não sair pedaço voando por aí.

Trabalho lento, contado e recontado, pequenos montes presos por elástico. Ele contou cada um, fez contas com os lábios mudos:

— Porra, sujeito, mais do que a gente esperava.

O outro igualmente conferiu, suspirou:

— É isso aí.

Cavaram um buraco junto ao esteio e enterraram os cheques, rasgados ao meio, descontar um destes, cara, é o mesmo que fazer continência à polícia. Dividiram até os centavos e cada um guardou sua parte em pastas iguais. Olharam pelas gretas e lá fora nada e ninguém.

— Tu vai primeiro.

O outro concordou.

— Depois, porra, a gente se vê para outra festa dessa.

O outro voltou a concordar. E se foi, sumindo-se no ziguezague da vereda. E ele se foi depois, vereda oposta, permanecendo o casebre, o silêncio, o vento, o latido do cachorro meio louco.

O sumiço foi de dias, para vir a público, ele, no bar bem freqüentado, não longe do banco onde o doce das crianças foi seqüestrado. Ao pedir o chope deu de cara com as pernas trançadas, duas mesinhas adiante. Sozinha e a coca-cola. Palpitou. Tirou os óculos, deslisou a palma da mão nos cabelos, e interpôs-se entre ele e ela a imagem das pernas lindas estiradas no chão e a mão dele a acariciá-las rápido até à altura da calcinha. É ela. Puta que pariu. Juro que é ela.

Ela olhou para ele e ele sentiu medo. Mas o primeiro olhar foi de indiferença e o segundo de simpatia. Não me reconheceu. Também com este visual, meu Cristo. Sorriu para ela. Ela não sorriu, mas o olhar era de agradecimento. Vou acabar comendo essa dona.

Não foi coragem: foi impulso. Aproximou-se da mesa dela, copo na mão:

— Ôi.

— Ôi.

— Posso?

— Se quiser.

Sentou-se. Via-a de bem perto. Puta merda, uma deusa.

— Está sozinha?

— Vê mais alguém?

— Desculpe.

— Estou fazendo hora para o expediente.

— Trabalha aqui perto?

— Sou bancária. Logo ali: dois quarteirões.

Abriu o riso, óculos a girar nos dedos:

— E o seu príncipe teve coragem de largar a princesa aqui sozinha?

— Não tenho príncipe.

— Qué pena.

E vai conversa mole, riso, mais outro chope, outra côca, o papo furado foi perdendo os furos, ele pagou a conta, saíram pelo calçadão, a gesticulação dele aumentou:

— Vou me desfazer da metade dos meus apartamentos. Imóvel dá muita dor de cabeça.

Parou na esquina. Desculpa rápida. Atrasado. Não podia levá-la até à porta do banco. Marcaram encontro. No mesmo bar. Tal dia, tal hora. Apertou-lhe a mão sedosa e ela, estranhamento, num arrepio de segundo, sentiu aqueles dedos subindo-lhe pelas coxas. Ele se foi alegre, dando adeus, e ela continuou em passadas lentas, toques ligeiros, mínimos, nas coxas, quase no sexo. As pernas estendidas, ela palpitando, e aquela mão que a alcançava onde ninguém a alcançara.

Da porta do banco ela o via caminhando faceiro. Meu Deus, foi ele.

Ele virou-se e ao dar-lhe mais um adeus notou, quase imperceptivelmente, que o braço dela pouco subiu, os dedos mexeram-se indecisos. E os olhos dela. De longe não os via, mas sentia que eles o penetravam. Tolice. E lá se foi com sua dúvida.

Nada contou ao outro. Ela, no banco, bateu com a língua nos dentes. E o circo rápido se armou para prendê-lo na arapuca do próximo encontro. Agentes disfarçados no chope: homens. Agentes perfeitas colegiais: mulheres. E ela na coca-cola, trêmula, arrependida. Meu Deus, o que eu fui fazer, tão gentil, conversa agradável, um amor de rapaz. Ave, Maria, cheia de graça, fizeti com que ele não apareça.

E ele apareceu. Lá na esquina. Viu-a à mesma mesinha, movimento do bar ampliado. Êh, não estou gostando. Estacou. Vontade louca de se aproximar, força maior a detê-lo. Indecisão medonha.

E ela o viu. Afligiu-se. Cruzou e descruzou as lindas pernas, sem lugar onde pô-las. Minha santa, sou uma tonta, ele é tão bonito, gentil, dedos de veludo, me ajuda, minha Nossa Senhora.

Com apenas o mindinho, ao levantar a garrafa de coca aos lábios, sinalizou. E ele compreendeu. Rodopiou rápido e rápido se foi no meio do vai e vem.

Parou lá distante, puxa, ela foi legal. Continuou embarafustando-se no meio do povo, certo, certo como nunca, de que conquistaria aquelas pernas.

Ela pôs calmamente a garrafa na mesa, suspirou aliviada, ligeiro sorriso, sensação de dedos de veludo que, estava certa como nunca, um dia voltariam a subir, a subir...

ÚLTIMAS ESPERANÇAS

No pasto azul das alturas, o cavalo desembestou, sugando as águas. Suas patas escoicearam as últimas nuvens e suas crinas de fogo se espalharam até os horizontes. Os olhos em brasa espalharam o amarelo por todos os recantos — e o verde das matas feneceu. O chão, estorricado, coloriu-se de marrom, fendido em gretas. Animais famintos e sedentos (menos os pássaros que arribaram) ficaram pele e osso, até morrerem.

Ninguém escapou da seca ardente. Nem Sarapanga, nem Saga, nem Sapan, nem mesmo Sagu, antes de morrer de AIDS. Diante dos olhos de Tarapauta, Sarapanga fugiu da soleira, subindo aos céus no carro de Elias. Sempre na seca atravessou a vida Zecapinto, mesmo depois de transformar-se em Zecacabra, depois em Zecassó, em Zecameu, e em Zecaera, Zecadela, voltando a ser Zecapinto que, apesar do grande calor, dormiu feliz ouvindo o longíquo piar do pinto.

Caturapota e Viviane das Dores, debaixo da soleirama, fizeram amor e choraram sua última esperança, que se foi com o vento — mas volta.

Apesar da seca brava (o cavalo de fogo escoiceando as nuvens), todos se uniram, grudados à terra, cantando que não há luar como este do serião.

Aluysio Mendonça Sampaio

SARAPANGA

Sarapanga gerou Saga, que gerou Sapan, que gerou Sagu, que morreu de AIDS. O pai de Sagu morreu de desgosto com os requebros do filho. O pai de Sapan morreu de desgosto quando viu o neto de brincos e saltos altos. Sarapanga olhou para trás, viu desconsolado as três cruces da sua descendência, e seguiu em frente metido nos seus noventa anos.

Morava naquele rancho florido, verdejante, um amor de sítio, as cascatas cristalinas descendo como véus de noivas e caminhando coleantes entre os vergéis. As borboletas bailavam ao som da tênue brisa, como se ouvissem o *Quebra-Nozes* de Tchaikovski. Contavam as graúnas, negras como as asas delas mesmas.

Isto em priscas eras. O desentendimento com o filho, ladrão contumaz, e a respectiva esposa, idem; com o neto, preguiçoso de não mover uma palha, e a esposa ibidem; com o bisneto, bicha louca — tudo isto levou-o ao desencanto. Três cruces e duas mulheres no mundaréu.

Sarapanga, que nunca bebeu, passou a tomar suas doses, goles de meio palmo; ele, que era um mouro no trabalho, deixou que a erva daninha invadissem o seu doce paraíso. Recebeu dinheiro grosso da fábrica de papel para

que ela livremente poluísse os seus mananciais. Não estava nem aí. As borboletas levaram a orquestra para longe e foram bailar em outro palco. As graúnas emigraram para os coqueirais distantes. Das cascatas passaram a cair golfadas pastosas, espumosas, uma catanga de peido dos diabos. De flores e frutos nem falar. Aquilo virou um charco. Nele Sarapanga chafurdava.

Um dia, depois de engolir um gole de quase meia garrafa, parou, pensou, coçou a barba branca um tempão, sorriu:

— Pois vou arranjar companhia. Vou criar um porco.

Enxotou o cachorro sardento e duro de lama e adquiriu do seu vizinho, o velho Tarapauta, uma porca. Foi uma discussão dos diabos porque o preço cobrado por Tarapauta era tão alto que aquilo não era preço que se cobrasse por uma porca magra da sua porcajada. Mas acertaram. Tarapauta saiu putado da vida, mas acertaram.

E pois não é que a porca estava enxertada e daí a pouco tempo nasceram seis bacorins? E pois não é que os bacorins cresceram e tiveram outros bacorins? E pois não é que aos noventa e quatro anos Sarapanga possuía uma porcada de respeito? A tal ponto que Sarapanga procurou Tarapauta e lhe propôs um oligopólio de porcos. Tarapauta não topou. Partiram para a livre concorrência e Sarapanga ganhou a disputa. Tarapauta, nos autos, denunciou Sarapanga, que aquilo era um *dumping*, mas Sarapanga mostrou por *a* mais *b* que jogara correto e nos conformes das leis da oferta e da procura.

Mas não tem como um dia depois do outro. E esse dia chegou. Sarapanga, encharcado de lama, no centro da grande pocilga em que se transformara seu sítio, apesar de meio bêbado teve a lucidez de, olhando em torno e vendo apenas porcos, tomar um susto e meter a rolha na garrafa:

— Onde vou arranjar tanta comida para tanto porco?

Era porco toda a vida, tudo grunhindo e tudo no osso. Valeu-se de Tarapauta. Mas Tarapauta, moído de ódio, bateu com a mão esquerda espalmada no antebraço levantado do braço direito, punho fechado, mostrou para Sarapanga o tamanho da banana, e mais a língua de fora:

— Toma.

Sarapanga não agüentou o tranco: quebrou. Vendeu os porcos magrinhos, magrinhos, por qualquer dá cá aquela palha. Por essa época a fábrica de papel pegou fogo, um incêndio dos diabos, e ela foi para o vinagre. Disseram que foi trabalho de ecologista.

Apoluição desapareceu. Mas atrás de uma desgraça vem outra. Alastrou-se, como mais uma praga do Egito fora de lá, uma seca do cão. Três anos sem pingar. Torrou tudo. Era de dar pena, de criar água nos olhos de qualquer empedernido de coração de pedra.

Sarapanga não comeu o pão que o diabo amassou porque, embora amassado pelo diabo, não seria pão. O quê! Comeu raízes duras esturricadas. Chegou até a disputar uma das raízes com uma velha maltrapilha, um espantalho. Ela vendo que perderia a disputa, ofereceu-se:

— Sou sua.

Ele tomou a raiz da mão dela e foi logo comendo e dizendo:

— Já nem me lembro mais como é, minha velha.

A velha se foi praguejando, pedindo para Sarapanga os castigos de Deus, e ele de Deus se lembrou, ajoelhou-se, contrito cruzou as mãos:

— Senhor, preciso ir ao encontro de Vós, agora que vou completar cem anos e dar por terminada minha missão na face da Terra.

Abriu o velho baú, vestiu a roupa de botões dourados que mandara fazer quando do batizado do primogênito Saga, e, ao entrar na igreja, depois de dias e dias de

caminhada, mal se agüentando de fome e sede, prosternou-se aos pés da Santa Cruz e, sozinho na nave silenciosa, exclamou, braços abertos:

— Aqui me tendes, Senhor, em Vossa casa. Volto ao lar paterno como um arrependido filho pródigo. Não me tomeis, Senhor, por um fariseu hipócrita. Muito pequei por fraqueza da carne e levado pela ambição. Do que plantei nada colhi. Vós, que viestes do Pai, sofrestes e morrestes por nós, ao Pai voltastes e estais sentado à mão direita d'Ele, perdoai este Vosso mísero e desgraçado pecador. Vós dissestes, e João confirma, que “quem não entra pela porta do aprisco das ovelhas, mas sobe por outra porta, é ladrão e salteador”. Não criei ovelhas, criei porcos, e, de fato, Senhor, tentei abrir algumas portas indevidamente. Mas tive as minhas penas, Vós sabeis. Que culpa tive do comportamento dos meus descendentes? Creio em Vós e nas delícias e castigos da outra vida. Diz com razão o Profeta Maomé que “aqueles que negam a outra vida têm preparado para eles um doloroso castigo”. Desculpai, Mestre, se cito alguém de outra religião. É que vivemos o ecumenismo. Poderia citar alguma passagem do Torá, mas para que aborrecer-Vos? Vós sabeis tudo de todos os livros. Vós vistes, porque sois onipresente e onisciente, o que fiz de bom e errado neste mundo. Aproximo-me dos cem anos, faltam poucos minutos. Sabeis que destino dar à minha alma. Despojado de tudo, dos descendentes, do meu sítio, dos meus porcos, de todos os bens, tenho a oferecer-Vos apenas a minha longa estrada de pecador.

Muito cansado, quase sem forças, sobrou-lhe ainda alento para suspirar:

— Espero apenas que me sobre um lugarzinho em Vosso seio.

Os sinos tocaram, os relógios bateram os últimos segundos.

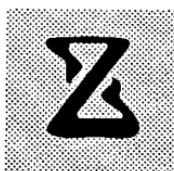
Sarapanga foi desmaiando, tudo lhe escurecendo, mas viu ainda que o Senhor, despregando-se da cruz, amparava-lhe a cabeça, mão leve de travesseiro, para que ele descansasse em paz.

— Vem, filho.

Na igreja, agora repleta de curiosos e iluminada de mil piscares de velas, todos aplaudiram.

Depois, com a lufada do vento, a multidão correu para a praça e silenciosa rezou, olhos em Sarapanga, que subia aos céus no carro de Elias.

ZECAPINTO



ecapinto criava pinto. Criava um pinto, que morreu. Criou outro. Que morreu. E outro ele criou. Morreu. Tantos criava, tantos morria. Um suceder de pintos criados, mal criados, e um rosário de pintos mortos.

Então pensou, pensou, mão no queixo, e concluiu que em vez de pinto o certo seria criar cabra. Criou a primeira e ela não morreu. Criou a segunda, a terceira, a seqüência numérica transformou-se em aprisco. A multiplicação tornou-se geométrica quando, por engano, comprou um bode, que cresceu e, crescido, não saía de cima das cabras.

Cabra a dar com o pau. Então Zecapinto, que passou a ser chamado de Zecacabra, tomou uma resolução: vendeu todo o lote. Saíram berrando, estrada afora, o bode escanchado em cima de uma delas.

Zecacabra ficou só com seus cismares. Olhava o nascer do sol, o pôr do sol. Lembrou-se dos pintos frágeis e chorou. Lembrou-se das cabras e voltou a chorar.

Valeu-se do velho amigo:

— O que faço da vida, Ariosto?

A resposta veio seca e pronta:

— Case-se.

Levantou a cabeça, um susto e um espanto:

— Com quem?

— Com uma mulher.

Outro susto e outro espanto:

— Onde vou encontrar?

— Procure.

Zecacabra, que passou a ser chamado de Zecassó, pôs o apurado na venda das cabras no bolso, fechou a casa e mandou-se pelo mundo, uma única pergunta quando avistava uma mulher, Quer casar comigo? Sempre uma única resposta, Não. Nenhuma mulher o queria. Velha, gorda, alta, baixa, aleijada, barriguda, negra, branca, magra, todas lhe balançavam a cabeça na pronta negativa.

Ficou tão conhecido com o seu pregão que passaram a chamá-lo de Zecacasacomigo. E ele alucinado, à procura da outra metade. Chegou a abrir o sorriso de esperança quando viu a bela saia vermelha:

— Quer casar comigo?

A voz áspera veio em reprimenda, dois dedos da mão direita traçando uma cruz:

— Me respeite. Sou bispo.

Então Zecacasacomigo desistiu de vez. Voltou para o lar abandonato, roto, cansado, desanimado da vida e de tudo. Abriu a casa, escancarou as janelas, estirou-se na rede e dormiu dias e dias.

Acordou com a voz meiga e doce chamando-o de muito longe. Que veio vindo, veio vindo. Quando abriu os olhos viu a beleza de moça ao lado, mão segurando o punho da rede, o colar de pérolas dos dentes abrindo o mais belo sorriso dos últimos tempos.

— Vim para ficar.

A surpresa enorme transformou-se em desejo e decisão. Rapidamente puxou-a para a rede. Não perguntou de onde ela vinha. Foram vinte e quatro horas de ai meu Deus, eu morro, quero mais, ais e uis sem fim.

Quando suspiraram, molengados, o vento soprava forte

e ela o chamou de Zecameu. E ele a chamou de Mulherminha. Só então o cenho franziu:

— De onde você veio?

Ela mal abriu os olhos, como se sonhasse:

— De muito longe.

— Fica comigo?

— Sou sua.

E dele ficou sendo. Zecameu, mais conhecido por Zecadela, criou alma nova. Plantou e colheu. Assoviava e ria. O jardim enfeitava-se de flores, o pomar pejou-se de frutos.

Até aquela manhã orvalhada. Zecadela, que ia com disposição ao trabalho, voltou do meio do caminho para beijá-la mais uma vez. Encontrou-a pronta para sair, dedos ágeis dando retoques na pequena trouxa.

— Vou te deixar, Zecaera.

Como um raio que o fulminasse:

— Zeca o quê?

— Zecaera, porque já não és meu.

Sentou-se, desarvorado:

— Para onde vai, Mulherminha?

Ela, resoluta, arrematava o nó no pequeno matulão:

— Vou-me embora pra Pasárgada. Lá sou amiga do rei.

E sei foi. A perplexidade dele transformou-se em ódio:

— Pois vá seguir o seu fado, ó mulher!

Desantou, desabou nos calcânhares, como sentindo cólicas, e a explosão de choro levou-o ao desespero, mãos trêmulas a correr os cabelos. Assim ficou até escurecer e o vento frio entrou livre porta adentro, redemoinhando na casa deserta.

Levantou-se, espantou as sombras com a luz do candeiro, fechou portas e janelas, sentou-se à cabeceira da mesa, olhos neutros no vaso de flores murchas, trocadas diariamente por ela.

Pouco dormiu.

Pela manhã a resolução estava tomada. Barbeou-se, banhou-se, vestiu a melhor roupa, e, valendo-se do velho Ford do velhíssimo vigário da vila próxima, foi para a grande cidade. Passeou ao léu no meio do trânsito. Parou frente à vitrina e ficou a admirar os vestidos vaporosos, que caíam bem no corpo da amada que se fora. E a viu no reflexo do espelho da vitrina. Rodou nos calcanhares, palpitando. Era outra, linda como ela. Ali parada, meio riso de simpatia. Sorriu largo para ela. Ela riu para ele.

— Oi.

A resposta dela ampliava a meiguice:

— Oi.

Aproximou-se, ajeitou a gravata, alisou os cabelos. Ela continuava sorrindo, um sorriso tímido que o encantava e lhe tirava as palavras. Pôs a mão no quadril. Desfez a posição. Apoiou-se num pé, no outro. Pigarreou. E surpreendeu-se com o próprio convite:

— Vamos ao cinema?

A resposta veio no sorriso mais tímido ainda:

— Vamos.

Pegou-a pela mão e ela apertou-lhe os dedos. O frenesi desceu-lhe pela espinha. Andaram, desviando do povo, algumas quadras. Ele procurava iniciar conversa, desesperadamente. Quando encontrou palavras, sofreu de decepção:

— Não chove há quinze dias.

Ela olhou-o, mediu-o com o rabo do olho. Ele se sentia examinado e sufocava-se no paletó e na gravata. O desastre foi maior ainda:

— O Ford do vigário da vila está batendo a biela.

Chegasse em casa se esbofetearia. O cinema, ali perto, foi a salvação.

— Cá estamos.

Aliviou-se intimamente com as palavras salvadoras. Comprou os ingressos sem ler o cartaz. Conseguiram, no quase escuro, filme já começado, duas poltronas isoladas. Poucas cabeças.

Ele olhava a tela, via as figuras e não via o filme. Passou, muito lentamente, o braço sobre o encosto da cadeira dela e dela sentiu a mão leve pousar-lhe na coxa. Disfarçou o estremeção com pigarro alto, seguido de *psius* de cadeiras diversas. A mão foi subindo e ele, surpresa crescente, petrificava-se. A voz dela veio acariciante, hálito morno:

— Cobro caro.

Não compreendeu. Encarou-a na penumbra e ela o olhava, sorrindo.

— Cobra o quê?

— Pela metida.

— Pelo o quê?

— Depois do filme não vamos trepar gostoso? Meu preço é alto. E você paga o hotel.

A mão chegava lá. Ela apertou a trouxa encolhida:

— Na cama dou um jeito nele.

Desabou de vez. Escorregou na poltrona. O pensamento, num lance, voou para a outra, tão linda, sempre a cuidar do jardim, do pomar, das flores no jarro sobre a mesa.

Soltou sem pensar:

— Você é uma puta.

A mão largou a trouxa, a voz cortou áspera:

— Me respeite, seu veado.

A vontade súbita de chorar levou-o a levantar-se e sair tropeçando poltronas.

Na rua, desnorteadado, olhou e olhou e não encontrou rumo a tomar. A buzina de um carro, seguida do palavrão, encaminhou-o à esquina. De lá, pernas bambas, para o jardim da praça. Esparramou-se no banco, uma aflição indefinível a atropelar-se em soluços que não vinham.

Aos olhos chegaram imagens do pomar com frutos podres no chão, do jardim em abandono, das flores mortas no vaso.

Mais impulso que decisão, levantou-se e tomou o rumo de casa. Paletó no braço, laço frouxo da gravata, sapatos na mão, feria-se nos pedregulhos da estrada, sufocava ao sol de espelho. Descansou à sombra da árvore copada. E cochilou.

Despertou ao ouvir muitos pios. Perto da cerca vários pintos em torno da galinha que ciscava. Olhou para os lados, lá se foi de quatro, e mais que ligeiro pegou um deles. E caminhou depressa, paletó entroxado ao sovado, sapatos presos aos cadarços pendurados ao ombro, piar aflito do pinto no bolso.

Avistou a casa, sozinha ao escurecer. O vulto passou ao largo, sentido contrário.

— Quem vai lá?

— Zecapinto!

— Boa-noite, Zecapinto.

— Boa-noite, Ariosto.

Sentiu, de repente, uma leveza interior e uma santa alegria.

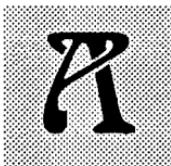
Abriu a porta assoviando, acendeu o cadeeiro, jogou longe, pela janela, o vaso com flores murchas. Pôs o pintinho sobre a mesa, e ele mal piava, asfixiado como viera no bolso sacolejante.

Olhou-o cheio de pena e esperança. Pena por saber, pela experiência, que ele não viveria muito. Esperança de que o próximo, que adquiriria logo cedo, sobrevivesse. Do contrário, outro viria, e outro, mais outro...

Cruzou os braços sobre a mesa, ouvindo ao longe o piar muito tênue do pintinho, ali próximo à sua cabeça bambeada.

Dormiu feliz.

DUETO



o cair daquela tarde fagueira, à sombra das bananeiras e sem borboletas azuis, ele, assoviando, gingando, enxada dançando no ombro, viu-a tomando banho nuinha, nuinha. Esbugalhou os olhos, estacou e disse, Vixe, que coisa mais linda, mais cheia de graça, meu Jesus Cristo Nosso Senhor. E ficou de olhos acesos nos peitinhos, na xoxota, nas coxas de alabastro, na bunda arrebitada. Desandou um pouco, levado pelo nervosismo, o graveto quebrou, ela ouviu e descobriu:

— Por que estás me olhando, Caturapota?

Ele se entortou todo, mordeu o talo de capim, sem saber onde se meter.

— Não estava te olhando não, Viviane das Dores.

Ela, mais nua que nunca, pôs as mãos nos quadris:

— Não estava, hem. Pois pode olhar. Olha.

E porque ela se oferecia toda, cabeça levantada, plantada nas pernas, desafiante, ele amunhecou. Perdeu o reboado, esqueceu a fagueira tarde, e voltou, rabo entre as pernas, a roçar o pasto, antes de escurecer de todo. Ela ainda cantarolou e enxugou os cabelos longos, torcendo-os como quem torce pano. Vestiu o vestido transparente, quase camisola, que grudou rápido no corpo. E lá se foi

cantarolando, Não há, ó gente, ó não, luar como este do sertão. A bacia, com roupas lavadas, segura à cintura.

Ele roçou à toa, que entre os olhos e o milho e o feijão que nasciam se interpunha o corpo de leite, os bicos dos seios, o chumaço de entre as pernas. A enxada por pouco não lhe alcança o pé.

— Porra.

E foi para casa. Chutou a cobra que passou coleante. Lá do alto viu a casa dela e ela a se pentear.

O braço acenou:

— Olá, Caturapota!

— Oi!

— Vem cá, criatura.

Ele se achegou, mudando a enxada de ombro, o coração desesperado, aflito por não saber o que dizer a ela. A vergonha que sentia era uma enormidade.

— Senta aí, Caturapota.

Ele aquietou-se no cepo, chapéu na mão, enxada entre as coxas.

Ela veio, encostou-se nele, um roçar de vai e vem que lhe despertou o fogo sagrado.

— Você gosta mesmo de mim, Caturapota?

Depois que o vento amainou, depois que duas galinhas subiram ao poleiro, animou-se a suspirar:

— Se gosto...

Ela ergueu as saias até surgir a pontinha negra:

— Você me quer mesmo, tesão?

Novo tempo de espera, nova lufada de vento, novo suspiro:

— Se quero...

Ela acomodou-se ao lado dele, tomou-lhe a mão:

— Então me terás e poderás me levar à camarinha.

Ele levantou-se, encostou a enxada à parede de taipa, voltou, reverenciou-a em curvatura longa, o chapéu furado

varrendo o terreiro:

— Com prazer.

Dispôs-se a conduzi-la nos braços. Ela, porém, puxou-o para si:

— Ainda não. Ando preocupada.

— Com que, Viviane das Dores?

— Com os problemas econômicos do país, a péssima distribuição de renda...

Ele, esquálido, sujo de muitos dias sem banho, coçou a barba espinhenta:

— É para pensar.

Ela balançou a cabeça:

— Se a política financeira...

Ele cuspiu seco:

— Por falar em finanças, Viviane das Dores, me dá água, mata a minha sede.

Ela entrou e ele ficou entregue às sombras. Brisa leve. Latido ao longe, para os lados da vila. Escurecera quase completamente. Apenas, lá para os confins, uma tira de vermelhidão.

De repente uma claridade tênue, amarelada, tangeu um pouco a escuridão. Virou-se. Ela avivava o lampião da sala. Veio com a caneca d'água. Ele a sorveu em poucos goles. E ela voltou a se sentar ao lado dele.

— De que a gente estava falando, Caturapota?

Ele pensou, pensou, concluiu mais para si:

— Acho que na merda deste país.

Olhou na direção da vermelhidão que se fora:

— Vamos falar de coisa mais séria?

— Fala.

— Você é muito bonita.

Ela pegou-o pela mão:

— Vamos.

Vinha dele um cheiro forte de suor.

— Para onde, Viviane das Dores?

— Para o quarto.

— Ah.

O silêncio perdurou. A mão dela veio vindo, veio vindo, alcançou:

— Ele está que parece ferro, nossa.

Ele baixou a cabeça, envergonhado. Ela puxou-o num repelão:

— Vambora, cara.

Conduziu-o casebre adentro. O sexo atrapalhava-lhe as pernas. Pararam na sala. Ela baixou o bico de luz. Foi ao pequeno oratório, pregado no canto da parede, trouxe de lá, de junto aos pés de Nossa Senhora, o pequeno rádio de pilha. Riu para ele, um riso mais convidativo:

— Com uma musiquinha é melhor.

Ele apenas fez gesto de tanto faz. Ficou ali esperando, tamborilando os dedos calosos na mesinha de centro. Ela acendeu o toco de vela:

— Vem.

O toco de vela num pires seguro com a mão direita, a esquerda puxando-o como quem dirige um cego. Ele, uma vontade louca, praticamente resistia.

— Quer ou não quer, sujeito? Que merda.

Ela pôs a vela sobre o velho móvel, verniz descascando, tirou o vestido pela cabeça e estirou-se na cama de varas, um oferecimento só. A luz oscilava e desenhava sombras no corpo alvo.

Ele petrificou-se. Os olhos estourados em cima daquela visão que o esperava.

— Vem ou não vem? Meu Deus.

Despertado, como emergindo de um mergulho, ele, aos repelões, jogou os trapos no chão e caiu, fome canina, em cima dela, e nela começou a navegar.

— Devagar, Caturapota.

O desespero dele era sorver aquele corpo de leite num gole apenas, sugá-lo, subir aos céus e enovelados chegarem à mão direita de Deus Pai. E gemia, e grunhia, e vai e vem, e ai minha Vivianinha meu bem, eu morro, juro que morro, Vi...

— Acabou?

Ele, molengado, largado ao lado dela, ainda não saíra de todo do rodopio. Veio o soninho, leve, passageiro, passos de animal distante, o vento vibrando nas portas e janelas.

Ela se deteve um instante ouvindo a vibração da janela:

— Este vento não me engana, Caturapota. Este ano não chove mais.

Ele deteve o leve bocejo:

— Bata na boca, Viviane das Dores. Será mais um ano de tormento.

Calaram-se. O silvar do vento lá fora. Ruído no galinheiro. O desejo voltando. A mão, de leve, passou a acariciar o sexo dele. E ele foi despertando, despertando, despertou.

— Agora é a minha vez, Caturapota. Prepare-se.

Montou-se nele. Foi um nunca acabar de gemidos, nas gargantas e nas varas da cama. Então suspiraram, ela desabada sobre ele.

— Foi ótimo, Caturapota. Você é bão. Puxa. Pensei que era a primeira vez.

— O caralho.

Depois pensou, pensou, arriscou:

— Quero a vossa mão em casamento.

Ela sentou-se na cama, olhou-o ternamente:

— Sou vossa.

— Para quando serão as bodas?

Ela olhou as telhas, dedo no queixo:

— No próximo outono, está bem?

— E que tal na primavera?

Ela passou as mãos nos cabelos longos:

— Tanto faz. É tudo uma seca mesmo.

A música do radinho, lá na sala, só então foi percebida.

— Que tal esse conjunto de rock, Caturapota?

Ele se deteve ouvindo os sons estridentes dos metais e o pensamento voou para outros acordes:

— Minha viola está com duas cordas quebradas. Cadê dinheiro para comprar outras?

O estrídulo eletrônico foi se desfazendo e substituído pela informação:

— O ágio entre o dólar paralelo e o oficial...

Ela acariciou-lhe o peito:

— E o ágio, Caturapota?

— Haja saco.

Ela levantou-se, nua e linda, foi à sala, fechou o rádio e o conduziu ao seu lugar aos pés de Nossa Senhora, uma mão tapando o sexo, que o pudor era grande diante da mãe de Deus.

Voltou e vestiu o vestido leve pela cabeça.

— Está tarde, Caturapota. Amanhã tenho um monte de roupa para lavar. E só recebo uma merdinha de dinheiro.

Ele coçou a barba, que lhe espinhava o rosto:

— A gente aqui em baixo comendo bosta e eles lá em cima comendo doce. E se a seca continua...

— Pelo jeito...

Ele ia perdendo o sono, desalentado:

— E o meu roçado, tão bonito...

Levantou-se da cama, quebrado, ainda meio tonto, recolheu os trapos, vestiu-os. Ela beijou-o, Gostou mesmo? Ele riu para ela, Claro. E você? Outro beijo, Também.

Ele voltou a sentar-se no cepo, no terreiro enluarado. Ela avivara o lampião e veio aninhar-se ao lado dele. Parecia dia. A lua corria livre no céu estrelado. Olhavam-na, embevecidos.

— Nem uma nuvem, Caturapota meu noivo.

— Nem uma nuvem, Viviane minha noiva.

Ela prendeu-lhe o rosto com as duas mãos, olhou-o bem nos olhos, um fio de lágrima a correr:

— E o que vai ser das nossas vidas? Até o fio d'água onde lavo as roupas está se acabando. E o socialismo, meu noivo, a nossa velha esperança?

Uma lágrima, igual à dela, saiu do olho dele. Encolheu os ombros:

— Se foi com o vento, Viviane minha noiva. Mas volta. Um raio de esperança bailou no rosto dela:

— Será?

Ele franziu a testa, alisou o queixo, não disse nada.

Voltaram a olhar a lua. Então ela se levantou de repente, entrou na sala, pôs o rádio de pilha no parapeito da janela. Aumentou o volume. A sonata inundou até muito longe, levada pelo vento. Ele bateu nas coxas:

— Já vou, Viviane das Dores minha noiva. A minha enxada.

Mas não se dispôs a pegá-la. Ela suspirou, um suspiro profundo:

— Vou lhe acompanhar um pouco.

Lembrou-se, segurou-o pelo braço:

— Espere. Volto já.

Foi ao velho baú, tirou dele a peça colorida, voltou, abraçou-se a ele:

— Está um pouco frio. Vamos nos proteger.

Envolveram-se com a bandeira verde e amarela, e foram ladeira abaixo, maltrapilhos e descalços, a enxada no seu silêncio cansado escorada à tapera, o caminho leitoso e serpenteado à frente, o dueto contrapondo-se aos acordes da sonata:

*Não há, ó gente, ó não,
Luar como este do sertão...*

MEMÓRIAS DE AGONIAS

Eu não conto — narro.
Não invento — foi.

*1. O sumiço e a morte do padre
ainda ressoam no velho alpen-
dre da infância, como na fala
macia do pai.*

*2. A dor do parto impossível
destrói e seca as redondezas da
casa-grande, no testemunho
dos avós.*

*3. E o trem matinal esmaga
sob as rodas de ferro o corpo
anônimo na chuva, nas vozes
da rua.*

Jorge Tufic

CRUZ

*És, a um só tempo,
memória de agonias e sangue.
Marco de ousadias e de sonhos
que romperam os fragmentos do real.*

*Ao meio dia te nomeio
corpo de areia e vento.
E junto à cruz
que cravei em tua memória,
— marco de propósitos e arrependimentos.
Muito além da cruz,
que retém teus limites possíveis,
acendo uma vela.
Para lembrar ou esquecer,
amenizar minha culpa
ou reacendê-la.*

*Tua condição humana exauriu-se.
E as palavras doces
como figos cristalizados
brilhando ao sol
evadiram-se.
Além do símbolo
que enclausura
a dor de teus limites.*

*Vida:
brilho fugaz
de um punhal
ferindo a carne.*

*Hoje,
ainda és a ferida encravada
rente ao chão,
junto às margaridas de plástico
que te adornam,
feito sutis miosótis.
Amanhã,
serás apenas
um caminho coberto de ervas e restos de asfalto.
E a verdade, que carrega como símbolo
em teus braços curtos e ferrugentos,
irá transpor o limite do misterioso tempo,
inserindo-se na noite e suas estrelas.*

*A cruz a morte
a chama de uma vela
que aquece
corações e corpos
em estilhaços.
A essência humana
brilha no abandono.*

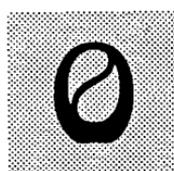
*A sós, com a noite,
que reflete o brilho de seus astros
em teus braços, curtos e ferrugentos,
transcendes o ser marco
de dores e sofrimentos.
És, a um só tempo,
limite de infinito e voo cego.*

*Os fios trançados da mortalha,
estirada no tempo,
como matéria incerta,
aguardam,
sob uma trama de punhas.*

*Quiseste cruzar a noite e girar ao redor de
suas estrelas. Mas os olhos vendaram-se e te
precipitaste sobre a massa cinzenta do asfalto,
cravando tua memória num espaço de estreitas dimensões,
onde alguns choram tua dor e agonia, outros depositam
uma rosa ou acendem uma vela, que muitas vezes
teima em não queimar.*

Lourdes Calderaro

O CRIME



padre saíra da vila de Caucaia, animal lerdo, paramentos e hóstia bem acondicionados e presos com o braço ao peito, para a extrema-unção, em casa distante, além mataria, depois, bem depois da lagoa. Cercas e ninguém. Nem telhado. A vereda, requebrada entre marmeleiros, perdia-se quase invisível no capim alto.

Guardam os documentos e a tradição que aquilo tudo, naqueles idos, eram aguados continuados nas épocas de chuvas, estalar de gravetos enrendilhados nas secas e verões longos, vôos rasantes às tardinhas, não importava a paisagem.

De repente, para espanto geral, o cavalo, desarvorado, chegou sozinho, quase a galope, e foi parar, com breve relinchar de cansaço, no adro da igreja, seu lugar conhecido. Aproximou-se um, rondando, aproximou-se outro, queixo caído, o ajuntamento se formou, sussurros se transformaram em conversas e mais conversas que se cruzaram pontilhadas de interrogações, e, resolvidos, foram, quase multidão, percorrer o caminho percorrido pelo padre.

O velho, na frente, tocha na mão, que escurecia, parou logo após a curva fechada da vereda que demandava o Pabussu:

— Aqui, minha gente.

A mulher grávida benzeu-se:

— Minha Nossa Senhora.

E a vila praticamente se transferiu àquela noite para o local do sacrilégio, que a notícia voara. Acenderam fogueira. Mulheres soluçavam, tricoteando rosários. Chegou outro padre para recolher o que era sagrado, gritando afastem, afastem, não pisem em Nosso Senhor.

E a monstruosidade, solta, ganhou mundo. Num raio alcançou Fortaleza. De lá, troteando, veio patrulha bem armada e municada, a mando do presidente da Província. Vasculharam que vasculharam, arrastar de pente-fino. Muita gente entrou na peia feia e nada. E muita gente ganhou o mato para não entregar o lombo às correadas. Um preto meio símio, de fala enrolada e babada, só porque entrava e saía da igreja como se fosse o seu quintal, levou chicotadas silvantes em tal quantidade que ficou meio apodrecido no meio da praça. Duas mãos santas, cobrindo-lhe de trapos molhados em salmoura, salvaram-lhe a vida. O bispo, dando socos no parapeito do púlpito, excomungou o celerado, sua alma encomendada ao diabo em todas as missas, mas quem pinicara o padre de facadas se evaporara com o vento.

O enterro do mártir, na tarde seguinte, foi acontecimento sem tamanho. Não havia banda de porta aberta em Caucaia. Missas e sermões se sucederam em louvor da sua alma santa. Até um padre novo, meio santificado em vida e quase sem pescoço, nomeado Cícero, no sul da Província, povoado de Juazeiro, em sermões aos seus amiguinhos atentos na pequena igreja de Nossa Senhora do Amparo, comprou o sacrifício da vítima ao dos mártires sob o jugo de Nero. O presidente da Assembléia, na capital, conseguiu aprovação de verba para um estátua, que a ela não se destinou, destinando-se a apelos políticos mais imediatos, acertados,

em conversas de pé de orelha, entre liberais e conservadores.

Os moradores de Caucaia ergueram uma grande cruz, bem entalhada, no local da barbaridade. De início, muitas romarias. Velas ali eram acesas pelas devotas e os que passavam tiravam o chapéu, persignavam-se, dobravam o joelho para uma oração. De longe, ao luar, era ver um presépio bordejando um lado da vila.

Um dia seguiu-se ao outro, as romarias foram rareando, as velas minguando, até minguarem de todo. E à proporção que minguavam, a vila crescia, virou cidade, recebeu o batismo de Soure, batizaram-na de novo de Caucaia, esparramou-se, mais apêndice da capital que cidade em si. Sítios espalharam-se nas redondezas. As estradas rendilharam-se. A cruz no mesmo lugar, na quebra do caminho, meio arriada de um braço, ainda uma advertência no seu silêncio. Disto não percebiam os mais jovens, que dela se acercavam, ponto de referência para libações e sacanagens.

Meio engolida pelo mato, ela buscava sempre se defender, naquele cotovelo de caminho, a dar passagem, dia de sol ou dia de chuva, aos que iam e vinham da lagoa.

E de tanto se defender, desapareceu de vez.

A lagoa, por ser lagoa, ficou.

A RETIRANTE

Sol crestante e calor medonho, amainado intermitentemente pelas lufadas. Aos bamboleios ela ia, margeando a grota pedregosa, que ia dar no Riacho dos Bois, seco e coleante de areia alva, temperada de folhas secas despencadas, como flocos castanho-escuros, das farfalhantes oiticas. Sozinha e sem rumo. Em busca de socorro para além do horizonte do mundo torrado e de céu azul pontilhado de asas negras.

Viu a árvore mambembe, descaída para o lado, tico de sombra rendilhada. A oitica copada, mais distante, debruçada sobre o riacho, convite para repouso agasalhador. Ainda trocou pernas para lá. A sede grudante, o turvo da vista, a semi-consciência, a dor lancinante, conduziam a árvore para longe, que flutuava imprecisa. A outra, raquítica, ali a poucos metros, de poucos passos precisaria para, à nesga sombra, enrodilhar-se e buscar alívio à dor no baixo ventre. Dor agulhante, que de muito ultrapassava a sede, a fome, dilacerava-a, como partindo-a em dois gomos.

E a sonolência. Mais jogou-se ao tronco da árvore esguia e dele deixou-se escorregar rumo ao chão, que propriamente sentou-se. Ali ficou na intermitência da dor e na fusão dela com a sede atroz.

Viu, num clarear rápido da visão, o casarão lá no alto,

banda de janela aberta. Valeu-se de todas as forças e não encontrou ânimo para subir o pequeno morro e pedir ajuda.

O homem alto abriu a porta do casarão, postou-se em pé na calçada elevada, encourado, deitou a vista, como de costume, na vastidão só vastidão. Gritou rumo ao corredor:

— Adeus, dona Maria Tereza! Adeus, Mariquinha!

Dirigiu-se ao cavalo que cochilava à sombra da tamarineira do oitão, de folhas verdes sempre, vitoriosa em todas as secas, viçosa desde quando nascera, juntamente com a construção do casarão, no ano também seco de 1845. Vigorosa e soberba aos trinta e dois anos de idade. Nada a abalaria. Venceria qualquer calamidade, vararia altaneira aquela seca devastadora de 1877.

La ver o gado rareado, pele e osso, preso no cercado, lá na baixada, junto ao riacho, onde a cacimba profunda, cavada no leito, fornecia água barrenta e lodosa, que nem parecia água.

Montou:

— Volto à noite.

A noiva, baixinha e loura, surgiu à meia porta do oitão e ficou ali olhando o noivo, altão, daquele tamanho, desabado sobre o animal sem forças, que arqueou, como se recebesse todo o peso daquela vastidão desolada.

E se foi. O cavalo mais escorregava morro abaixo do que dele descia, procurando caminho entre os pedregulhos. Sol tinindo. Redemoinhos carrapeteados e o vento fruuuuuu.

Quando o braço quebrou para o lado o emaranhado de marmeleiros crepitantes, para a passagem dele e do cavalo, viu. Viu e estacou. Ali junto ao tronco da canafstula, enroscada em si mesma, abraçada ao ventre, como se dormisse. Apeou-se, aproximou-se.

— Ei. Acorde.

Da parte dela apenas tremer de lábios e tremura geral.

— Meu Deus.

Voltou a aproximar-se do cavalo, apoiou os cotovelos na sela, as mãos uniram-se em concha na boca, gritou:

— Joaquim! Ô Joaquim! Vem cá, Joaquim!

O vulto, na imprecisão do novelo de pó, apareceu no alpendre arriado do casebre acachapado, lá para os lados onde o pé do morrote ia em depressão de cunha.

— Corre, Joaquim!

Mão segurando o chapéu de palha com um monte de furos, lutando contra o vento, o vulto se aproximou em chouto e de banda. Nem perguntou o que era: os olhos caíram em cima da mulher ensangüentada:

— Será gente daqui, seu Martiniano?

— Deve vir de longe. Agarra ela pelos pés. Eu pego nos braços. Está meio parida. Depois chama dona Maria Tereza e a Mariquinha.

Ajeitaram a mulher, que estrebuchava, a criança meio dentro, meio fora, e aquela sangreira.

Joaquim correu morro acima, sempre meio de lado, defendendo a si e ao chapéu contra o vento.

Martiniano permaneceu ali olhando, quase uma indiferença, que já vira, na danação daquele ano, milhares de quadros assim parecidos.

E como levada pelos fusos velozes do vento temperado de ciscos, a notícia criou asas. E nem bem procurou ajeitar a mulher e circular a vista, o panorama mostrou-se outro: um mundo de gente formava cerco. E a voz de dona Maria Tereza se destacou num arremate de fim de conversa:

— A criança está no Limbo.

E mais cabeças avultavam-se por trás das da frente. Magote de gente em farrapos, escapados até ali do desastre, que parecia ainda iria longe, com o sol navalhante, os ventos, asas negras e estragos.

O silêncio era um só, chapéus nas mãos, mulheres

contritas, e o pedido aflito:

— Uma vela.

O negro correu, em pulos desajeitados, em busca da casa-grande e, na casa-grande, em busca da vela, com a velha, única que ficara em casa, lerda da idade avançada. Quando voltou, vela na mão, viu de longe todos ajoelhados. Sabia que a mulher se fora e a vela, para lume de final de vida, não teria mais serventia.

As mulheres passaram a rezar as repetidas rezas que vinham desfiando nas continuadas mortes, aprendidas de longe, de boca em boca, do fundo do tempo. Os homens, mais com os olhos que com palavras, confabularam as mesmas confabulações, e acertaram que a cova seria ali mesmo, onde ela e o anjo deram ponto final à caminhada.

E uma pá, surgida nas mãos de dois braços finos, começou: chote, chote, chote. O monte crescia de um lado e o buraco descia de outro. Acamaram-na, na profundidade dos peitos do cavador, com a criança ao colo, como estampa de Nossa Senhora, e a terra, ao mesmo ritmo — chote, chote, chote — voltou a nivelar-se ao chão, permanecendo apenas a nódoa de cor mais escura no lugar cavado. Os homens fizeram pequena cerca de pedras. O ajuntamento foi se desfazendo, rareando de gente, cada homem retornando ao seu próprio socorro, cada mulher resignada. Restou apenas, após o amainar do vento, o cercadinho, como preparado para canteiro, no meio dele a vela, apagada, que o lume tivera forças só para lutar tico de tempo contra o vento.

Martiniano voltou à eterna preocupação:

— Vamos ver a altura da água do poço, Joaquim.

Deu uma última olhada para trás:

— Depois mando fazer uma cruz para ela.

Enveredaram para o bebedouro, Martiniano montado, que depois iria mais longe.

À noite, na sala de jantar do casarão, a tamarineira lá fora silvando ao vento, Martiniano noivava silenciosamente Mariquinha, e a mãe Maria Tereza, olhos no lampião no centro da mesa, sussurrou, como complemento de reza:

— A seca de quarenta e quatro não foi nada diante deste castigo de Deus.

Martiniano pegou da conversa para dar notícia:

— Tem pouca gente em Santana. As casas quase todas fechadas. Na Vila da Serra Verde não tem mais ninguém. As famílias de Sobral estão indo para Camocim, pegar vapor para o Forte. Gente que não acaba mais.

A cadeira de Maria Tereza rangia e rangia. Mariquinha, miudinha e loura, só ouvia. Martiniano suspirou, olhos nos tijolos grandes:

— Dizem que lá no Forte a peste está matando que nem mosca.

Maria Tereza confirmou, numa aceitação resignada:

— Ouvi falar.

Cruzou, com altaneiria, o xale:

— Nós, os Carneiros, e os nossos parentes, os Araújo e os Cavalcantes, vamos agüentando com a ajuda de Deus.

O ranger da cadeira parou quando o pé, pisando o chão em freio, estancou o embalo. E veio a confissão, depois de longo silêncio, como uma queixa:

— Se ouro fosse comida, o Pau Caído estava agora nadando em fartura.

O vento, no oitão, indiferente, não dava ouvido às queixas, aos rogos, aos soluços. Martiniano lembrou:

— Amanhã vou providenciar uma cruz para ela e o anjo.

Maria Tereza, o rosário correndo nos dedos, lamentou:

— Tenho mais pena do anjinho. Morreu sem o batismo. Não vai ver a face de Deus.

E o vento veloz, e o tempo não repetido, sempre continuado, seguiu seu destino em frente.

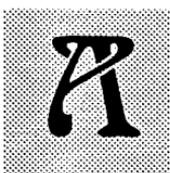
Mariquinha, gerada por Maria Tereza, gerou nove filhos com Martiniano. O segundo, Zacarias, gerou dez filhos, o sexto deles este autor, que ouviu, desde tenra idade, a mesma repetida história.

E a cruz, plantada e renovada ao correr do tempo, presente permanece no mesmo lugar. Eternizou-se como o casarão dos Carneiros, eternizou-se como a tamarineira ao lado dele.

Quantos e quantos passam perto dela, em cruzamentos diversos. Ninguém se descobre, ninguém faz o pelo-sinal, ninguém acende uma vela. Todos sabem apenas que ela é um dos símbolos do brasão da fazenda dos Carneiros do Pau Caído, acompanhando a dinastia da família através dos anos.

Até quando a velocidade do tempo determinar até quando.

O ACIDENTE



travessava, manhãzinha, os trilhos que corriam no meio da rua e ia abrir a quitanda de frutas e verduras quase em frente. Meio sócio no negócio. O outro, mulato, entroncado e de tamancos, pouco aparecia. Ele quem agüentava o batente, dia todo. Pulo em casa só para o feijão com arroz, às pressas. A mulher, calada e murcha, barriguda e o outro de altura já lhe alcançando a barriga.

Todos, naquele trecho de rua de areia frouxa, e além, conheciam a habilidade dele em fazer e empinar papagaios, em contar anedotas, em saber fiar e receber em dia, em comandar o jogo de víspera à noite na casa de um e de outro. Sorriso aberto, largo. Quando o trem passava, soltando rolos de fumo e lagarteando rumo a Porangaba e aos confins de Baturité, ele saudava os que iam e os que iam lhe saudavam.

Briga feia, na rinha de galos; briga feia, de alcoolizados; briga grande ou briguinha — corriam à venda e ele abandonava fregueses e corria para intermediar a paz. De boca, aviava receita para perebas, corrimento, tracoma, defluxo, doenças do mundo. Numa alfinetada extraía um bicho de pé.

Religioso, mas sempre um pé atrás e ojeriza a batina.

Corria, em sussurro de pé de ouvido, que ele apanhou a própria mãe no vuco-vuco com um padre, para as bandas do Icó, de onde veio, capiongo, o filho já nascido e já amigado. Assistia missa na capela, na rua de trás, vistas sempre voltadas ao Cristo da cruz, para evitar o padre metido nos paramentos.

E aquela mania, para susto e admiração de todos. Vez em vez, sem motivo, ao ouvir o apito do trem, num arranco pulava o balcão, deixava tudo ao léu, corria um pouco de costas para emparelhar-se ao trem e, lépido, segurando-se firmemente ao gradil, entre os engates, subia, viajava dois-três quarteirões saudando todos, pulava, ria a valer, e voltava correndo para a quitanda. Os condutores dos trens, carga ou passageiros, sabiam de sua arte e riam da sua habilidade.

Na manhã nublada e chuisquenta, ele atravessou os trilhos, levantou o braço ao padeiro de cesto às costas, chutou a latinha enferrujada que se oferecia como uma bola, abriu a quitanda, ajeitou e ajeitou, recebeu do moleque as verduras frescas e assoviou, dois dedos na boca, para o maquinista e foguista do trem de carga daquela hora e de todos os dias.

No meio da conversa animada com os dois fregueses que chupavam manga, ouviu o apito longínquo, conhecido, no horário. O apito se repetia a intervalos curtos, advertência aos moradores da rua. Quando o assovio esfumaçado evidenciou-se bem próximo, não mais que distância de meio quarteirão, ele, num ímpeto, para susto dos dois fregueses, pôs a mão no balcão e num pulo rápido pulou-o, pôs-se próximo à locomotiva, alegre como sempre, correu a corridinha para trás, mirou o gradil de entrada do segundo vagão de passageiros, segurou-o num impulso, o pé plantou-se no degrau. O trem corria e ele, camisa aberta e sorriso espalhado, dava adeus, numa saudação geral.

Estirou a cabeça para dentro do vagão, soltou um bom-dia a todos e ao condutor, que picotava cartões. Voltou aos degraus, seguro ao gradil, e aprontou-se para pular no mesmo cruzamento de ruas, duas quadras além da venda. Pequeno vôo. O pé tocou o chão e a areia, empapada pela chuvinha continuada, não o recebeu com firmeza: deixou que ele resvasse num escorrego rápido. E com o pé foi o corpo.

O primeiro grito de espanto partiu do homem de guarda-chuva e chapéu que passava próximo. Outro segundo e outro grito da mulher à janela. O trem continuou seu percurso aos sacolejos e mal se sumia na curva o estupor, em onda crescente, estava formado. Sobre os trilhos uma trouxa desarrumada e avermelhada. Os dois que chupavam manga na venda viram gente correndo, largaram os caroços e correram. Janelas escancararam-se e cabeças espantadas vieram a elas. E gente saindo porta afora e agregando-se, como num chamamento.

E a chuvinha engrossou. Nem bem cinco minutos. Quando serenou, a multidão entupia o cruzamento de ruas e continuava a engrossar.

Cercaram a mulher e o filho, impedi-los de ver o horror. Ela gritava, abraçava o ventre volumoso, e o filho com a cabeça espantada encostada no ventre dela. O sócio, sempre ausente, fez-se presente e fechou a quitanda. E fecharam-se as bodegas. O bonde que cruzava os trilhos ficou impedido de prosseguir, que a multidão impedia. Maior parte dos passageiros desceu e marchou, curiosa, rumo à tragédia.

Foi um dia de furdunço e procissão no bairro. O sininho gasquito da capela, rua de trás, não parava de lamentar. O caixão, lacrado, que a vítima, em postas, não seria identificada nem pela mulher, ficou à mostra da cobra de fila na casa do sócio. E a notícia correu Fortaleza inteira,

comentada da Barra do Ceará ao Mucuripe. Vieram jornalistas e empurrando, empurrando, aproximaram-se do caixão e tomaram muitos depoimentos. Um, menos respeitoso, tomou notas apoiado no tampo do próprio caixão. O trem das quatro, que passou lento, apitando aflito, fosse mais leve de peso e seria virado pelo povo. Soluços e soluços de não mais acabar.

Enterrão. Um silêncio só e uma multidão só deslocaram-se lentamente ao cemitério. Janelas abriam-se, olhos espivavam, mãos persignavam-se. O padre na frente, conduzindo e rezando. E o cemitério foi tomado de assalto. O mundo de gente espremia-se entre os túmulos, muitos e muitos trepados neles. Não houve discurso. Só choros contidos. E quando a última pazada nivelou tudo, vieram despetalando cemitério afora, até este ficar sozinho na quietude dos seus túmulos.

A chuva caiu pesada ao escurecer e aquele trecho de rua demorou a dormir. A última luzinha lá para depois da meia-noite.

Dia seguinte, mãos devotas ergueram uma cruz e acenderam velas, um bolo de velas, ao lado dos trilhos, no ponto em que ele foi esartejado. A mulher grávida e o filho foram rezar e chorar ali. Depois, dias depois, tomaram o caminho de volta para as bandas do Icó.

O bolo de velas diminuiu, diminuiu, mas resistiu aos anos. Os trilhos da estrada de ferro foram transferidos para longe, lá para os lados de Otávio Bonfim. A cidade espichou-se mais e mais. As ruas adquiriram nomes e os lampiões de gás começaram a ser expulsos pela luz elétrica.

Décadas depois do acontecido, ainda uma ou outra vela era acesa ao pé da cruz envelhecida, e pessoas envelhecidas rezavam ajoelhadas, para espanto dos mais novos, no trecho leste da Avenida Tristão Gonçalves, quase esquina com a Rua Meton de Alencar.

Os muitos carros, e o calçamento, e o asfalto, e o trânsito, e a poluição sonora, passaram a borracha em cima da cruz, da vela, dos velhos. Na ânsia de apagar tudo.

Ficaram apenas o lugar em si e a lembrança esgarçada, que vai morrendo na tradição do que ali um dia aconteceu.

Todos o chamavam de Romualdo.

Só Romualdo.

CARÊNCIAS

I

*O amor sem culpa consentiu
na fantasia, mas não cedeu
na transgressão.*

*Os corpos nus
se permitiram na visão
do paraíso e sem limites
e em doce farsa se expuseram
em breves jogos dionisíacos.*

*Quando a confiança pleiteou
na indiscrição o amor contrário,*

*a flor madura da consciência
o que era doce virou fruto
do amor proibido e do pecado.*

II

*O olhar furtivo colheu
a sensualidade da fêmea
que ocultava sob as vestes
a nua impetuosidade.*

*Mas o jovem amante assustado
com o desejo da mulher
fez retesar esta vontade
ante o fantasma da timidez.*

*Até que os corpos afloraram
no encontro premeditado
pela fêmea deliciosa.
Foi o sossego da carne.*

*O que restou foi carência,
absoluta falta de amor,
mero capricho de mulher.*

III

*O cheiro do úmido fluido
despertou no íntimo do macho
o prometido milagre da existência.*

*Som cálido a salpicar nas folhas
a espuma do sonho e do prazer.
A indelével certeza do desejo.*

*A excitação inebriava
a memória da expectativa
de possuir. Era incômodo*

*o mistério que fluía
do pequeno esconderijo,
sem poder vislumbrar.*

*Todavia, esse desejo evaporou-se
na mensagem do adeus,
com indiferença anônima.*

*O cruel aprendizado
do paraíso ainda não alcançado
e no entanto já perdido.*

IV

*Foi lúbrico. A individualidade
do amor no universo das gentes.*

*A volúpia da vida
na insatisfação do desejo.*

*Toda a audácia foi pouca
para confessar a fraqueza.*

*Sobre todas as barreiras
o amor fingia ser importante.*

*O que exibia era a impossibilidade
vencida numa vitória de Pirro.*

*A maquinal limpeza das partes
apenas demonstrava que houve
batalha.*

*Não era nenhuma glória.
Nenhum nome foi necessário.*

*Sendo impossível superar
o desespero na recompensa,*

*o amor saiu dilacerado,
o que ficou foi compulsão*

*pois a alma dilacera
quando trepar já não é o bastante.*

J.B. Sayeg

OS DOIS

Ele já a esperava fazia bastante tempo no ponto combinado, na praça, perto da velha árvore frondosa. Então ela apareceu, apressada, suada, mochila às costas.

— Demorei, bem?

— Se demorou...

— Lá em casa. Sabe como é. Um saco. Vamos?

— Monta aí.

Ela acomodou-se atrás da moto, ele avisou:

— Olha a minha mochila. Está bem aí? Vambora.

A moto roncou, roncou, partiram em alta velocidade. Ele gritava alto, para vencer o vento:

— O que tu falou pra tua família?!

— Que ia pra Campos do Jordão com umas amigas!

— Engoliram?!

— Foi fogo! E você?!

— Que ia pra praia com uns amigos!

A moto praticamente voava e gingava, desviando-se dos carros. Trânsito livre. Ele suspirou:

— Todo mundo caiu fora nesse feriadão!

Ela, abraçada nele, beijou-lhe o cangote:

— E pra onde a gente vai é longe?!

— Vai ver!

Alcançaram a avenida larga, pista ampla, e a velocidade aumentou. Entraram numa rua de terra, casas esparsas. A moto passou a correr vagarosa e silenciosa.

— Ainda está longe?

— Logo ali.

Chegaram à casa isolada e ele parou a moto em ronco súbito e curva rápida.

— É aqui.

Desceram. Muro alto cercava a casa. Ele abriu o portão, entrou com a moto, encostou-a no oitão da casa. Soltaram as mochilas, examinaram curiosos a sala, o quarto, a cozinha, o banheiro.

— Gostou?

Ela olhou os poucos móveis, a cama de casal, o fogão, a geladeira.

— Adorei. De quem é?

— Do pai dum amigo meu.

— Lá do colégio?

— Não. Um vizinho. Foi pra fazenda com os pais dele. Só voltam na outra semana. Trouxe tudo?

— Trouxe. E você?

— Também.

Abriam as mochilas e começaram a tirar latas, garrafas, pacotes. Ela sacou um pequeno rádio de pilha. Ele tomou dela:

— Sem rádio, tá? A gente combinou que não tinha rádio, televisão, porra nenhuma. A gente vai ficar trancado aqui os três dias sem botar a cabeça lá fora, sem roupa nem nada. Foi assim o combinado. Tu contou pra alguma amiga tua do colégio?

— Não. E tu?

— Você tá doida?

Distribuíram o que trouxeram pelos cantos e geladeira. Deram uma volta em torno da casa. Ele sorriu:

— Não é uma beleza? Olha a altura do muro. A gente pode até cagar aqui no alpendre que ninguém vê. Tira a roupa.

— Já?

— A gente combinou assim.

Começou a despir-se e ela também. Ela descia o *jeans* com dificuldade. Ele reclamou:

— Tu só anda com esse troço apertado que mal cabe dentro dele.

Ela ficou só de biquíni. Ele descia a cueca:

— A gente combinou que era tudo. Tira esse treco.

Ela olhou para os lados. Ele mostrou-se contrariado:

— Tu acha que alguém vai subir nesse murão pra te ver?

Levaram as roupas para dentro de casa e jogaram todas as peças num canto. Abraçaram-se. Beijaram-se. Ele abriu uma garrafa:

— A gente toma uns goles e depois transa, tá? E tu colocou a cerveja na geladeira?

— Coloquei.

Beberam doses de rum com coca-cola. Beijavam-se, acariciavam-se. Ele derramava um pouco da bebida nos seios dela e os lambia. Ela já se sentia meio tonta. Saiu para a área, copo na mão, começou a cirandar, o sol batendo-lhe no corpo. Ria. Ele veio bebericando e cirandaram. Ela começou a cantar. Ele circulou a vista ao longo do muro:

— Canta baixo. A gente não vai chamar a atenção de ninguém.

Ela continuava rindo e cantando, o copo vazio na mão:

— *“E que tudo mais vá pro inferno...”*

Parou, fez pose para ele, resolveu:

— Vou tomar outro gole.

Ele impediu. Tomou-lhe o copo e deixou-o, junto com o seu, no parapeito da pequena área da cozinha. Ele também se sentia meio flutuando. Abraçou-a e ela deu-lhe

um beijo longo de língua. Ele puxou-a para o gramado adiante:

— Vambora transar ali.

— Na grama?

— Claro. Olha o solzão.

Deitaram-se na grama fria e rolaram nela, enovelados, para lá, para cá.

— Pega no meu pinto. Ele tá mole.

— Por quê?

— Sei lá. Acho que é da bebida. Porra.

A mão carinhosa dela começou a massageá-lo. E ela riu para ele:

— Tá crescendo.

— Te ajeita.

— Quer que eu vá por cima?

— Depois. A gente tem três dias.

Penetrou-a e ficou parado dentro dela.

— Tá legal?

— Tá.

Ele apressou os movimentos, suspirou e caiu para o lado. Ela estranhou:

— Já?

— É. Vamos pro chuveiro.

Banharam-se às risadas, ensaboaram-se. Ele procurou imitar a voz de tenor:

— Figaro! Figaro! Figaro!

Ela pôs os dedos na boca dele:

— Tu não canta nada.

— Mas ainda vou cantar. Quando eu tiver vinte anos vou ser maior que o Carreras.

— Nunca vai cantar nada.

— Tu vai ver.

Ela saiu correndo e embrulhou-se na toalha:

— Tou morrendo de frio. O que a gente vai comer?

— Vê aí. Tem comida pra cacete.

Ela fritou uns ovos, comeram sanduíches e tomaram cerveja. Depois jogaram o resto na lata de lixo. Passaram a cantar baixinho, abraçados. Ela abriu a boca, num bocejo longo:

— Tou com sono. Bebi muito.

— Vambora pra cama?

Abriam a janela do quarto que dava para a área. Deitaram-se abraçados. Ele quis levantar-se:

— Vou continuar firme na cerveja.

Ela, porém, puxou-o firme para si e ele cochilou com a cabeça deitada nos seios dela. E ela cochilou também, acariciando-lhe os cabelos. Ele murmurou:

— Tá gostando?

— Delícia.

Um cachorro latiu distante. Ele foi descendo a mão, brincou com os pelinhos dela e puxou um deles. Ela soltou um gritinho e se encolheu.

Retribuiu, alcançando um pelinho dele, e puxou-o rápido. Ele gritou alto. Ela levantou o dedo:

— Não falei que dói?

Sentou-se na cama. Com as mãos e em movimentos rápidos pôs os cabelos para trás das orelhas:

— Sabe a Matilde, aquela loura?

— Do terceiro ano?

— É.

— O que tem?

— Pois ela vive se raspando. Ela gosta de se raspar.

— E tu, já raspou?

— Eu não. E você?

— Vou pensar nisso.

Puxou-a, beijou-a no rosto, nos seios, alisou-lhe o sexo. Ela olhou-o nos olhos:

— Você quer de novo?

A mão dele alcançava as nádegas dela:
— Vou te enrabar.
Ela quase pula da cama:
— Eu, hem! Nunquinha.
Ele abriu os braços, espreguiçando-se:
— Tá. Esquece.
Ela se aproximou, deitou-se sobre ele, ar de confiança:
— Tenho uma amiga que já deu atrás. Você conhece. Ela passou quase uma semana sem se sentar direito.
Ele avivou os olhos, curioso:
— Quem é? Diz, diz.
Ela ficou na dúvida, estudando-o:
— Tu não conta pra ninguém? Não conta mesmo? Jura?
— Juro.
— A Cremilda.
Ele caiu das nuvens:
— Aquela sarará, de óculos?
— Não conta pros teus amigos, pelo amor de Deus.
Ele ria, satisfeito com a novidade:
— Sabe o que vou fazer? Vou subir naquela estátua do fundador do colégio e gritar de lá, pra todo mundo ouvir: “A Cremilda deu o cu!”
— Você não é doido.
— Quem foi? Pra quem foi que ela deu?
— Ela não disse o nome. Mas pelo amor de Deus, bem, você jurou...
Ele rolou para cima dela:
— É, jurei.
Ela empurrou-o um pouco:
— Quer que eu vá por cima agora?
Acomodou-se sobre ele. A tarde caía e eles na cama, enrodilhados. Depois ficaram longo tempo calados. Ela levantou-se, foi ao banheiro e voltou vestida com uma camiseta, sem calcinha. Ele reclamou:

— A gente combinou que ia ficar sempre pelado.

— Tá frio, bem.

Estirou-se ao lado dele, olhos no teto, mãos dadas:

— Lá em casa continua uma coisa horrível, bem. A mamãe vai acabar se separando do papai.

Ele passou a acariciar os pelinhos do peito:

— Lá em casa também tá uma merda.

Um carro passou em frente à casa. O silêncio voltou a cair, sereno e calmo. Ele sugeriu:

— Vambora beber?

Beberam, comeram sanduíches, beberam. Voltaram para a cama e mortos de cansados dormiram profundamente abraçados até o dia clarear. E tudo se repetiu como na véspera. E continuou a se repetir no dia seguinte, quando comeram os últimos sanduíches e beberam o que sobrou de latas e garrafas. Foram ao banheiro, tomaram uma longa ducha e fizeram amor pela última vez, sentados no box, a água caindo, trocando longos beijos.

Enxugaram-se, vestiram-se lentamente e lentamente começaram, como num final de festa, a arrumar as mochilas. Ele fiscalizava:

— Vamos deixar tudo direito, senão o meu amigo não empresta mais a casa.

Prontos, mochilas arrumadas, pegaram-se nas mãos, olharam-se. Ela riu carinhosa:

— Vambora?

— É.

Ela, uma mochila no colo e a outra nas costas, acomodou-se atrás da motoca, abraçou-o, encostou o rosto nas costas dele. Ele, antes de partir, acionando o motor, voltou a fazer a pergunta que já lhe fizera muitas vezes:

— Por que o diabo do teu pai não gosta de mim?

— Hi... Não fala de novo, bem. Tenho um ódio...

Ele continuava a acionar o motor. Ela fez cócega nele:

— Acho que é porque tu é meio doido.

Ele saiu na disparada e ela quase se joga para trás.

— Calma, bem.

Não falaram durante toda a volta. Deixou-a no mesmo ponto onde a apanhara.

Ela olhou-o com temura:

— Te cuida, bem.

O olhar dele foi o mesmo:

— Tu também.

— Amanhã a gente se vê no colégio.

— Tá.

Beijaram-se. Ele pôs sua mochila nas costas. Ela andou alguns passos e voltou correndo, segurando a mochila no braço:

— Não vai contar pra ninguém o que eu te contei da Cremilda. Pelo amor de Deus. Você jurou.

— Vou pensar.

Ela ficou na ponta da calçada até vê-lo perder-se no meio do trânsito.

A VIZINHA



janela, abstraído, olhos na praça arborizada, quando o caminhão de mudanças parou em frente da casa ao lado, descarregou móveis e utensílios. Passou a observar. O carro chegou e dele desceu o casal, ele grisalho, ela magra. Do banco de trás saíram o rapaz e a moça. Cabeças muitas vieram às janelas assistir a chegada dos novos vizinhos. E os olhos dele caíram nela, calças justas, cabelos curtos, olhos negros. De repente e de surpresa ela olhou para o alto e deu com ele a olhá-la. Fitaram-se. E cumprimentaram-se timidamente.

Ao correr do dia ele ouvia a azáfama. Arrastar de móveis, de cadeiras, vozes altas.

Rua sossegada, o jardim em frente, árvores copadas, um convite ao silêncio. Pessoas idosas.

Os dias correram e a vida da rua continuava serena. Ele a via à janela. Simples balançar de cabeça. Da parte dela o sorriso.

Na tarde chuvosa ele saiu para compra urgente na loja. E viu-se atrás dela, na fila do caixa. Troca de poucas palavras. Na volta a conversa se estendeu.

Os encontros amiudaram-se. Conversavam de janela a janela. E de janela a janela partiu o convite:

— Vamos ao cinema?

Ela aceitou e insistiu:

— Venha aqui em casa.

Na seqüência dos dias o convite e a visita ficaram esquecidos. Mas na manhã enevoada veio a insistência dela:

— Venha às seis. Depois a gente sai.

Às seis ele bateu na porta e ficou parado de surpresa ao vê-la no vestido vaporoso:

— É apenas um cinema. Não é um baile.

O homem grisalho e a mulher magra sorriram e ele se sentiu à vontade. Tomou café e conversaram. O irmão dela desceu para o aperto de mão e desapareceu escada acima.

Suspirou e olhou para ela:

— Está na hora.

O homem de cabelos grisalhos desculpou-se:

— Prendemos vocês.

— Nada.

Saíram, mãos dadas. Ele ainda achava aquele vestido um exagero:

— Não precisava tanto.

Ela olhou-o nos olhos com os seus olhos negros:

— Aprontei-me para você.

O coração disparou e ele não respondeu nada.

Sentaram-se numa das filas de poltronas desertas. E nem se passaram poucos minutos do início do filme ele começou a sentir os dedos dela alisar-lhe a mão. Demorou para retribuir. O coração batia e batia. E de tanto aqueles dedos lisos subirem e descerem no dorso da sua mão, acabou por acariciar também a dela. O filme projetava-se em tiros e correrias e ele não via nada. Começou a sentir uma dorzinha estranha no baixo ventre.

Antes do acender das luzes, o frenesi de carícias multiplicava-se. Ela acariciava-lhe a coxa, do joelho à virilha. A mão dele, tateante, asa leve e fria, entrava-lhe pelo vestido.

Para susto dele, ela se recompôs, afastou-lhe a mão com delicadeza:

— Não.

Saíram em silêncio e ela abriu o sorriso:

— Vamos tomar um sorvete?

Entraram na lanchonete, sentaram-se, pediram o sorvete. A conversa fluiu animada.

Voltaram em passos vagarosos, respiração livre entre as árvores. A conversa voltou a animar-se no banco do jardim, até que ela afligiu-se:

— Meu Deus, está tarde.

Ao passarem sob a árvore secular, a mais frondosa da praça, ela pegou-o pelo braço:

— Aqui está bom para um até logo por esta noite.

Abraçou-o e beijou-o, beijo longo, corpos colados. Suspiravam. A voz dela acariciou-lhe o ouvido:

— Você quer?

De pronto não compreendeu:

— Não quero o quê?

A resposta foi a mão que acariciava, levando-o às nuvens. E ele permanecia perplexo, sem saber o que fazer.

Ela empertigou-se, ajeitou o vestido, os cabelos, tomou-o pelo braço:

— Está tarde.

Andaram e não falaram. Na ponta da calçada ela despediu-se com um beijo rápido e entrou. Ele permaneceu parado longo tempo, olhos no jardim da praça deserta, uma pessoa apenas lá longe.

E deitado na cama, a respiração ainda não de todo controlada, apalpou-se para se convencer de que tudo fora realidade.

Saíram outras vezes e, para surpresa dele, o comportamento dela era outro. Apenas beijos ligeiros. Se a ousadia dele era maior, o recuo vinha rápido:

— Comporte-se.

A recusa constante provocou nele o desejo louco de repetir a ciranda alucinada sob a copa da velha árvore. Não lhe saía da cabeça aquela mão a acariciá-lo de leve.

Ela permanecia de gelo. Ele então, despeito enorme, evitou-a.

E evitaram-se.

Na tarde de chuviscos intermitentes o telefone tocou.

— O que você está fazendo?

O susto e a surpresa paralisaram-no. Atrapalhou-se com os livros e a resposta veio indecisa:

— Estudando.

— Pode vir até aqui?

— Ai?

— Estou só. Tenho uma coisa para lhe dizer.

— O que é?

— Pessoalmente. É um pulinho.

Ele desceu as escadas tão apressado quanto nervoso. Indecisão até em bater na porta. Assustou-se e encantou-se ao vê-la de *short*. Ela pegou-o pela mão.

— Está fria.

Ele recolheu-a e meteu-a no bolso. Ela, alegre:

— Venha.

Levou-o ao quarto, no andar superior. Lençol róseo na cama, paredes róseas, tudo róseo. E sem dizer uma palavra, ela deitou-se, tirou a blusa, desceu o *short*, a calcinha, deitou-se com calma, estendeu as pernas:

— Venha.

Ele sentia-se flutuando num sonho. O convite nos braços estendidos:

— Venha.

Num automatismo inconsciente, ele começou a despir-se. Ela puxou-o para si e comandou as ações. Ele afligia-se. E ela, sopro no ouvido dele:

— Calma.

O prazer veio rápido e ele jogou-se para o lado. Olhos no teto, sem pensar nada. Ela, dedos bailantes, acariciava-lhe o peito. Então o desejo voltou violento e ele tornou a abraçá-la. Ela ajeitou-se:

— Assim.

Nova explosão de prazer. Tranqüilidade demorada. Depois ela se levantou e pediu para ele se vestir. Estava ficando tarde. Os pais e o irmão chegariam logo.

Quando ele se viu pronto, ainda sem encontrar palavras, ela aproximou-se e alisou-lhe a camisa:

— Amanhã vou para muito longe, no Norte. Talvez não volte. Não sei.

Ele olhou-a, apenas. Ela o olhou com ternura:

— Nunca gostei desta cidade.

Sorriu:

— Foi bom.

Empurrou-o com carinho até a porta. Ele abriu os lábios para dizer alguma coisa. Mas a porta se fechou após o rápido bailar de dedos.

À SOMBRA DA ÁRVORE

Ele passava cedinho, assovio solto, direção à venda, para as compras da manhã, quando a viu entrar no mato. Parou o assovio e observou curioso. Teria a sua idade, duas tranças, filha do médico, morava do outro lado da praça. Nunca lhe dera maior atenção. Ela andava sempre em grupo de amigas. Conheciam-se de vista e de olás ligeiros.

De repente a surpresa, ela entrando mais e mais na vereda estreita. Conhecía aquele caminho. Ia dar na cerca velha e na frondosa tamarineira. As pernas levaram-no e ele acompanhou-a, de longe, temeroso para não quebrar gravetos.

Por trás da touceira de bambus ficou a observá-la. Ela aproximou-se do tronco rugoso da árvore, circulou a vista, desceu com dificuldade a calça comprida apertada, a calcinha, e agachou-se.

Ele ouviu o chiar do jato nas folhas secas. O coração disparou. Quase uma vertigem. Os olhos deslumbrados no quadro que se exibía poucos metros à sua frente.

Ela ergueu-se, vestiu-se, ajeitou-se como diante do espelho, voltou pelo mesmo caminho e ele encolheu-se para não ser visto.

Esperou longo tempo para sair do esconderijo, ainda

temeroso. O coração batia e batia. E no caminho até à venda iam diante dos olhos as surpresas até então nunca vistas. Tão aéreo que não respondeu a saudação do amigo que vinha em sentido contrário.

Entrou na venda e concentrou-se muito para não errar nas compras. O vendeiro, limpando o balcão imundo, estranhou:

— O que houve?

Apanhou os pães, o leite, e voltou para casa, olhos no chão. E o chão lhe fugia dos pés.

De repente estacou. Ela passava por ele e o cumprimentava distraidamente:

— Olá.

Ela já ia longe quando ele sussurrou:

— Oi...

Tomado o café às pressas, debruçou-se à janela, levantou o braço para alguns amigos, e viu-a lá longe, do outro lado da praça, perto da igreja, no meio de um grupo de amigas. A cena assistida veio-lhe aos olhos e ferrou-o em agulhadas as partes íntimas.

A mãe chamou-o e ele não ouviu. Nada ouvia. Apenas tinha olhos para ela, suas tranças soltas, lá com as amigas. A mãe perdia a calma:

— Está surdo?

Pouco almoçou. Pouco estudou. Pouco ouvia a explanação dos professores. Pouco jantou. Uma vontade só: vê-la à noite, no jardim da praça.

E na roda de amigos, na praça movimentada, respondia em monossílabos aos que lhe falavam. Procurava-a avidamente com os olhos. E quando a descobriu com as amigas, girando em torno do jardim, palpitou, pôs as mãos nos bolsos, apoiou-se numa perna, na outra, tirou a poeira que não existia na calça, para controlar-se.

Voltou para casa depois que ela se retirou com as amigas.

Recolheu-se ao quarto, deitou-se, olhos no teto, e ela mais uma vez se despia ao pé da árvore frondosa. E veio-lhe em sonho. Alisou-a, beijou-a, apalpou-a, no rolar da cama que rangia. Até que dormiu profundamente e acordou com o dia claro, a mãe chamando-o para a compra de pães e leite.

Vestiu-se às carreiras, a vida expandindo-se na respiração livre dos pulmões. Saiu assoviando, chutando seixos, e ao longo do caminho que levava à venda viu, à esquerda, a vereda que conduzia à árvore. A lembrança do dia anterior levou-o a entrar por ela. E lá se foi, pé ante pé, um fio de esperança. A árvore surgiu, solitária, farfalhante. Ali ficou, junto à touceira de bambus, desnudando-a, como se ela perto do tronco estivesse.

Rodou nos calcanhares que o susto quase o mata. O homem, foice ao ombro, passava e seguia em frente:

— Olá.

A resposta não foi mais que leve mover de lábios:

— Oi.

Dirigiu-se à venda.

Depois do café postou-se à janela e tornou a vê-la, lá longe, com o grupo de amigas. Voltou a vê-la à noite, no jardim da praça. E ela mais uma vez veio em sonho.

Os dias continuaram, as compras na venda continuaram e continuaram as visitas à velha árvore. Mas só a via de longe, com as amigas. Ou nos sonhos, que persistiram.

E naquela manhã chuvosa não a viu perto da igreja. A chuva passou, o sol surgiu, e ela não apareceu. Nem apareceu no jardim, à noite.

Ao recolher-se, ouviu da mãe:

— Médico tão competente. Foi clinicar na capital. Levou toda a família.

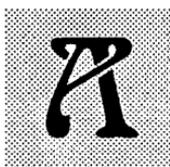
Foi um susto enorme. O sono só veio pela madrugada e ela não veio em sonho. E quando, manhãzinha, saiu para a compra de leite e pães, a velha árvore frondosa, sozinha

ao longo da vereda estreita, parecera-lhe solitária como nunca.

Após o café, que mal bebera, tornou a debruçar-se à janela, e descobriu, num relance de vista, que a praça não era a mesma, não era a mesma a igreja, nem as pessoas ou os amigos que passavam.

A cidade, vazia e abandonada, não era a sua cidade.

NOITE



ssoviando, chaves do carro na mão, saiu de casa, blusão de couro negro e tênis azuis, acomodou-se na direção:

— Vamos, meu carango.

Acelerou e o carro arrancou, soltando chispas. O funil de ruas iluminadas abria-se à sua frente.

Girou à toa, sem lugar determinado para ir. Ao parar no sinal fechado, viu-a na ponta da calçada.

— Vai atravessar, beleza?

Riu para ele:

— Não.

— Esperando o príncipe encantado?

— Não tenho príncipe.

— Pois conseguiu um. Entre.

Ela sorriu mais uma vez, pensou, indecisa.

— Resolva logo, meu bem. O sinal vai abrir.

Num impulso, ela correu, sentou-se ao lado dele, no exato momento em que acendia o sinal verde e os carros buzonavam. Ele pôs a cabeça na janela, olhou para o carro de trás:

— Não pode esperar um minuto, porra!

Partiu com tal velocidade que ela sentiu-se jogada para trás.

- Mais devagar.
- Calma, minha flor. Para onde você ia?
- Procurar uma amiga. Por aí. E você?
- Por aí.

Entraram na avenida larga, trânsito livre, e ele apertou o acelerador.

- Vamos, meu carango.
 - Acaba multado.
 - Que multa, que nada, meu bem. Sou o dono da noite.
- Freou um pouco, olhou-a, examinou-a no vestido leve, pernas bonitas.

- Você é um tesão, sabia?
- Sabia.
- Convencida.
- E você queria que eu dissesse o quê, que sou feia?
- Está bem, está bem. Vamos trepar?
- Você não perde tempo, hem?
- Claro. Vamos?

Com a mão esquerda guiava, com a direita acariciava-lhe as coxas.

- Uma metidinha gostosa. Vamos?

Ela olhou-o nos olhos:

- Onde?
- Aqui mesmo no carro.
- Vai me levar para algum lugar escuro. Tenho medo de bandido.

- Que lugar escuro que nada, meu bem. Agora.

Os olhos dela arregalaram-se:

- Agora? Com esse povo todo nas ruas?
- Com o carro andando, amor. Tira a calcinha.
- Você está louco.
- Louco por você. Tira a calcinha.
- E como é que eu faço?
- Ora como é que faz. Tira a calcinha, levanta o vestido,

se senta aqui no meu colo.

— Mas você está guiando.

— E daí? Vamos, querida.

Ele abriu a braguilha, enquanto fazia a curva para entrar em outra avenida:

— Veja como ele é bonito.

Ela olhou, riu, balançou a cabeça, gostou da aventura:

— Você é doido mesmo.

Tirou a calcinha, levantou o vestido e procurou se acomodar no colo dele.

— Assim não, querida. De frente para mim. Cara a cara.

— Não dá.

— Dá.

Ela escanchou-se sobre as pernas dele e quase cai, porque ele se desviava, em alta velocidade, de outro carro. O motorista praguejou de lá e ele respondeu de cá:

— Filho da puta!

— Ele teve razão. Estou atrapalhando sua visão. Assim você não pode guiar.

— Posso. Você vai desviando a cabeça. Monta.

Ela acomodou-se e se deixou penetrar. Ele soltou um grito de satisfação:

— Assim, querida! Encosta a cabeça no meu ombro, olhando a paisagem aí de trás. E vai movimentando. Está ótimo.

— Está gostando?

— Delícia. Vai mexendo. Não pára. Isso.

Com a mão direita ele pôs bem alto o toca-disco. Um rock de metais estridentes.

— Acompanha o ritmo, amor. Assim. Beleza!

Ele buzinava, desviava perigosamente dos outros carros, passava sinais fechados. Alcançaram uma avenida larga mais ou menos livre. Meteu o pé no acelerador:

— Estou quase gozando.

— Então pára o carro.

— Não. E vai mexendo.

— Também estou quase gozando.

— Então vamos gozar juntos, em alta velocidade.

Ela apressava os movimentos e o carro voava. Quase se metem debaixo de um caminhão.

— Ai, amor... ai... ui...

— Ai... hum... ai...

Meteu o pé no freio, derrapando o carro no meio-fio. Ela foi jogada para o lado.

— E agora? Estou toda suja.

— E eu? Olha como ficou minha calça.

Meteu a mão no bolso, tirou o lenço, limpou-se como pôde e entregou-o a ela:

— Toma.

Ela esfregou o lenço entre as pernas, nas coxas, na ponta da saia.

— Sujei-me toda. Toma o teu lenço.

— Joga essa merda fora.

Ficaram um pouco em silêncio. Então ele deu partida e saiu devagar, o carro deslisando suavemente.

— Depois vou te enrabar.

— De jeito nenhum.

Ele passou a assoviar uma música e olhou para ela:

— Conhece essa música do Caetano?

— Não. Gosto mais do Gil.

— Porra. Essa música do Caetano todo mundo conhece. Tu vem de onde? De outro planeta?

— Você se zanga à toa, hem.

— Está com fome?

— Estou.

— Conheço um lugar. Vamos lá. E veste a calcinha.

Acelerou, ultrapassou vários carros, dobrou esquinas, e surgiu o luminoso azul e vermelho.

— É ali.

Encostou o carro, entregou-o ao manobrista, entraram no restaurante muito movimentado. Sentaram-se numa mesa, próxima a outra maior com um grupo de rapazes e moças barulhentos. Passou a mão na cabeça:

— Merda. Isto aqui vive lotado.

Ela levantou-se:

— Volto já.

— Vai se lavar?

— Fala baixo.

Quando ela voltou, depois de bom tempo, ele olhou-a de alto a baixo:

— Estava suja mesmo, hem. Esse tempão todo...

Comeram *pizza*, tomaram chopes, um dois, três, vários. Então arrotou, pagou a conta, levantou-se:

— Vamos?

— Primeiro preciso voltar ao banheiro. Tomei muito chope.

— Também vou.

Depois saíram pela noite, sem destino. Ele viu e lembrou-se:

— Aquela casa é ótima. Vamos lá?

Voltou a entregar o carro ao manobrista e entraram no salão barulhento, iluminado de mil cores que se entrecruzavam, apinhada de gente. Abraçaram-se e saíram dançando, levados pela multidão, até alcançarem um canto mais escuro.

— Vou te comer aqui. Tira a calcinha.

— Você ficou doido? Na frente dessa gente toda?

— Ninguém vai ver nada. Ninguém pode nem se mover.

Ele mesmo, com dificuldade, tirou a calcinha dela, e, feitos sanduíche, sufocados entre tanta gente, naquele canto de parede, transaram. Ela afligia-se:

— Goza logo. Podem ver.

— Que ver coisa nenhuma. Tu fica falando. Como é que eu posso gozar? Abre mais um pouquinho as pernas. É isto aí.

Quase não conseguiam se movimentar. E quando ele chegou ao clímax, ela reclamou:

— Pronto. Me sujei toda outra vez. Vou ao banheiro. Me dá a minha calcinha.

Antes ele limpou-se com ela.

— Vai e não demora. Vamos cair fora desta bosta.

Voltaram a ganhar a noite. O carro correndo suavemente. Ela beijou-o pela primeira vez.

— Fiquei sem a minha calcinha. Deixei lá no banheiro.

— E o cuzinho, como é?

— Atrás eu não dou.

— Dá, sim.

Ela calou-se, ele fincou o pé, cruzou toda a cidade, entrou numa estrada deserta.

— Para onde você está me levando?

— Calma, meu amor.

Parou o carro debaixo de árvores. Desceu e chamou-a:

— Vem cá, querida.

Ela acompanhou-o um tanto temerosa:

— Para onde você quer me levar?

Pegou-a pela mão, conduziu-a até o tronco da árvore mais frondosa.

— Deita aí, amor.

— O que você quer fazer?

— Eu já disse. Disse ou não disse?

— Vai doer.

— Dói nada. Deita.

Ela obedeceu. Ele levantou-lhe a saia, alisou-lhe as nádegas roliças:

— Que colosso, amor. Levanta a bundinha.

Penetrou-a com muita dificuldade, ela soltando gritinhos

de dor. Depois ficou bom tempo estirado em cima dela.

Rolou para o lado:

— Vambora?

— Estou toda doída.

— Passa logo.

Retornaram ao carro, correram várias boates, beberam chopos, uísque, vinho.

Dia amanhecendo, ela bocejou:

— Estou cansada.

— Eu também.

— Este carrão é teu mesmo?

— Inteirinho.

— O teu pai é rico?

— Dinheiro pra caralho. E o teu?

— Tem algum.

— Então empatamos.

Passaram pelo mesmo ponto onde ele a apanhou. Ela pediu:

— Pára, pára. Vou tomar aquele ônibus.

Ele parou, ela desceu e saiu correndo. Ele gritou:

— Mas eu nem perguntei o seu nome!

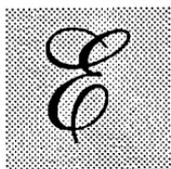
Ela sorriu e deu com a mão:

— Nem eu o teu!

Ela soltou um beijo e ele acenou. Ela apanhou o ônibus e ele saiu dirigindo bem devagarinho, rumo de casa, morto de sono.

...E A CHEGADA

A DISPUTA



u a via de longe. Só eu a via de longe, mais ninguém. Nunca de lá me aproximava. Impediam-me. Eu perguntava sempre quem era o vulto esguio, voltado para mim, à frente do casarão de muitas janelas, lá distante, seu perfil impreciso na tarde que morria. Surgia, de repente, ao cair da tarde, chovesse ou não, e se ia com a noite.

— Ela está lá, pai.

— A mesma?

— A mesma.

A curiosidade de todos. A afirmação ríspida de meu pai:

— Lá não tem ninguém.

Eu apontava:

— Lá está.

As perguntas de meu pai atropelavam-me, atrapalhavam-me, e eu respondia como podia. Ela sempre lá às tardes, voltada para mim, desde quando eu não sabia. Desde uma tarde qualquer. Passaram a me vigiar, sussurros em torno de mim.

Nas manhãs luminosas, nas tardes ensolaradas, o

casarão distante destacava-se na paisagem. Eternamente fechado. Escurecesse o tempo com os trovões e a chuva, o sol se avermelhasse, enrendilhado por trás da árvore esgalhada, o perfil dela, sem contornos nítidos, lá estaria. Dia após dia, em pé na calçada alta.

Meu pai confabulou muito com as mulheres, com os homens que mandara chamar, que chegavam e saíam olhando para mim, e decidiu:

— Vou falar com o senhor bispo.

Sucederam-se as tardes, chuvas encharcaram os caminhos e os campos, o raio partiu o galho da árvore velha, por onde o sol descia lento, e o vulto no mesmo lugar.

Meu pai ausente. Viajara. Não estava ali para que eu novamente lhe mostrasse. Mas as mulheres perguntavam muito e eu não parava de apontar para o casarão:

— Lá.

Sempre o mesmo vulto, uma repetição de postura tão monotonamente igual que os bandos de aves que se enfileiravam na cumeeira do casarão, ao entardecer, despertavam-me muito mais a atenção.

Até o dia em que ela pareceu caminhar na minha direção. Muito lentamente o contorno ia adquirindo nitidez. Recuei e apontei:

— Ela vem vindo.

Como se aguardassem o aviso, correram todos, conduziram-me para o quarto dos fundos, olhavam curiosos através das rótulas. Escureceu e ela não veio.

Quando meu pai chegou, arvorou-se:

— Precisamos resolver logo. O senhor bispo virá amanhã.

Dormi em paz e despertei com a passada. A velha vestiu-me e deu-me café em silêncio. Ninguém. Muitos

eram os silêncios na casa despovoada.

Quis caminhar até a árvore. A voz da velha veio ríspida:

— Fique aqui.

Mas saí para o pátio e a surpresa foi tamanha. Todos, provavelmente todos, de toda a redondeza, caminhavam em caminhar lento para o casarão da colina, de onde parece que de lá me tiraram um dia, após uma morte trágica, que as conversas sobre isto na minha frente eram sempre fragmentadas. De definitivo, a proibição de aproximar-me de lá.

Iam contritos e silenciosos. Eu via meu pai, atrás dele um homem vestido de vermelho, gorro vermelho na cabeça, a grande cruz dourada suspensa nas mãos.

A velha insistia:

— Entre. O senhor bispo vai resolver isto. E nunca mais você verá nada.

Pouco comi. A velha veio e me acariciou a cabeça. Permitiu que eu visse, ao anoitecer, pela nesga da porta, o casarão de janelas iluminadas, aberto à multidão, piscares infinitos de velas acesas.

Comparei a quantidade de luzes com a única que crepitava no castiçal, ali no centro da mesa. Estranhei:

— Por que está iluminado?

A velha uma sombra:

— Um dia você saberá.

E eu cochilei, que as vozes lá fora silenciaram e os estalidos da cera da vela no castiçal narcotizavam-me.

Com a lufada de vento e ranger de porta, meu pai entrou. Vários entraram. Meu pai sentou-se à mesa:

— Acabou. O senhor bispo exorcisou o casarão.

A voz tímida de uma delas, perdida na sala, não se

convenceu de todo:

— Talvez.

Meu pai mostrou-se colérico:

— Se nem o senhor bispo conseguir, então ele irá.

A mesma voz sumida:

— Não faça isto.

A mesma determinação:

— Irá.

A conversa, às vezes tumultuada, estendeu-se pelo resto da noite e despertei com a manhã igual às outras manhãs. As tardes seguiram-se às outras tardes. O vulto ausentou-se da calçada do casarão e meu pai, assoviando, fez mais uma de suas viagens.

As mulheres entregaram-se às suas obrigações. E a preta velha, que me contava histórias, parou de repente o embalo da rede e fitou-me:

— Nunca vi tanta semelhança entre você e ela.

Conteve-se e passou a cantarolar.

Meu pai retornou muitos dias depois, desceu do cavalo, deu-me um presente. Olhou em direção ao casarão:

— E então?

Balancei a cabeça em negativa.

E aquela tarde. O sol avermelhou-se, como sempre, atrás dos galhos nodosos. As aves enfileiraram-se na cumeeira do casarão. E eu a vi nitidamente em pé, pela primeira vez chamando-me. Meu pai conversava no alpendre.

— Ela voltou.

Ele virou-se rápido para mim.

— Está me chamando.

As mulheres apareceram todas. Sussurros e sustos. A

notícia correu célere e pequena multidão se formou.

Meu pai não me encarava. Olhos nos ladrilhos:

— Continua lá?

— Está me chamando.

Ele suspirou, bateu nos joelhos:

— Enfim.

A voz sumida de uma delas veio mais sumida ainda:

— Destrua o casarão.

Meu pai coçava o queixo e a negativa veio no continuado balançar de cabeça.

Os sinais dela passaram a ser insistentes. E as vozes de protesto e a voz autoritária que as fizeram silenciar. E a mão de meu pai indicou-me a direção:

— Vá, vá.

Como se eu esperasse a ordem. Caminhei leve com o vento, em direção ao chamamento irresistível. E à proporção que me aproximava, a noite descia e o vulto esvaía-se.

Subi os degraus da calçada alta e vi que aqueles janelões enfileiravam-se numa continuação quase infinita. Olhei para trás e distingui, imprecisamente, a casa acachapada, lá no vale, onde estariam meu pai e muita gente.

Dei-lhes as costas como se desse as costas ao passado. Abri, com esforço, a porta enorme, que gemeu longamente nas dobradiças. Vi-me no salão, meu velho conhecido, para meu próprio espanto.

E saí pelo corredor escuro, meus passos percutindo surdamente no assoalho:

— Voltei, mãe. Mãe, voltei.

Impresso na  **Graf** Editora gráfica Ltda.
03043 Rua Martin Burchard, 246
Brás - São Paulo - SP
Fone: (011) 270-4388 (PABX)
com filmes fornecidos pelo Editor.